PARA TODOS...
ANNO XI
NUM 532
23 FEVEREIRO
1929
PREÇO: 1$

—Quasi que enloquecia
por causa de uma dôr
de ouvido !
A noite passada em claro, sem que
unturas nem lavagens lograssem
proporcionar-lhe allivio!
Que surpresa, que milagre, quando, poucos
momentos após ter tomado dois compri-
midos de CAFIASPIRINA, desappareceu
aquella dôr horrivel!
Eis porque a todas as
suas amigas recom-
menda ella sempre com
tanto enthusiasmo, e
para qualquer dôr, a
nobre e excellente
CAFIASPIRINA
CAFIASPIRINA
Ideal contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias,
enxaquecas e cólicas menstruaes; consequencias de noites
perdidas, excessos alcoolicos, etc.
Allivia rapidamente, devolve as forças e não affecta
o coração nem os rins!
BAYER

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Caçada ao Tigre

A minha vida tem sido uma verdadeira serie de caçadas aos tigres, mas confesso que nenhuma dellas teve jámais um interesse digno de constituir o que se chama um acto de verdadeiro "sport", como o comprehendemos nós, os indianos.

O verdadeiro "sport", no sentido genuino da palavra, é atacar o animal, frente a frente, e não emboscar-se traiçoeiramente para o fuzilar, sem gloria, como faz um assassino vulgar.

Meu pae conheceu um outro Chanappa, em Peklwan, da côrte de um dos reis de Coarg, que se apresentou num circo, em presença da côrte e do povo, inteiramente nú, excepto os rins, cobertos com uma tanga, e apenas ornado com uma curta e pesada cimitarra na mão direita, e tendo a esquerda envolvida em uma especie de almofada.

Era tão agil como o tigre, a quem dava combate. Devia vencel-o, fazendo-o entontecer até ficar perplexo. Depois, chegando-se a elle, cravar-lhe a cimitarra com um golpe certeiro, ou decepar-lhe uma das patas.

Tippo, sultão de Mizore, era outro caçador, que sempre átacava o tigre de frente. Pequeno de corpo, era prodigiosamente agil, não se deixando jámais apanhar pelo tigre, porque, quando este saltava sobre elle, fugia-lhe com um salto para o lado, deixando-o logrado.

O meu ultimo encontro com o terror das florestas indianas foi o primeiro que me deixou verdadeiramente satisfeito de mim.

Era meu companheiro um certo Abdalla, que havia sido meu condiscipulo no collegio e que, como eu, se dedicava á caça do terrivel felino. Tinha acompanhado Mr. Sanderson, o grande caçador de tigres e tinha aprendido com elle todos os segredos deste genero de "sport".

Tinham-nos informado que havia abundancia de caça nas vizinhanças de Jumuafi, perto de um pequeno riacho, nos Bababa Hillo.

Sahimos, portanto, armados de carabinas Martini, pistolas, lanças de bambú e outros apetrechos.

Perto do ponto aonde nos dirigimos, fomos informados pelo chefe de uma das aldeias proximas, de que um enorme tigre havia carregado muitos homens, mulheres e grande quantidade de gado. Os aldeãos pediram-nos de mãos postas que os livrassemos daquelle flagello, que ameaçava deixar a aldeia deserta. Ninguem se atrevia a atacal-o, porque elle estava domiciliado no eremiterio do fallecido fakir, e era crença geral, que a alma desse fakir habitava agora o corpo do animal. Não queriam molestal-o, elles mesmos, mas teriam muito prazer em que elle desapparecesse, fosse como fosse.

No dia seguinte, fomos ver a caverna do bicho. Puzemos sentinellas, para evitar qualquer surpresa, e soubemos que elle tinha sahido de casa para ir beber no riacho. Aproveitamos a occasião para fazer o exame do palacio. Quando chegamos á entrada, Abdalla queria deitar fogo a tudo, para sanear, porém eu me oppuz. Entrámos. O compartimento era de fórma ellyptica, pelo chão havia ossos meio ruidos; o fetido era insupportavel. Em volta da caverna havia interiormente uma especie de degrão com 18 pollegadas de largura.

Do lado de fóra havia uma grande arvore, onde estavam empoleirados diversas especies de passaros, incluindo corvos e um pavão. Um dos homens que nos acompanhavam disse que os corvos e o pavão seriam nossos auxiliares, porque, logo que o tigre apparecesse, o pavão daria o grito de alarme aos corvos, para se levantarem em massa em procura de asylo mais seguro do que a proximidade do rei das florestas, que mesmo para elles era um perigo.

Voltámos á aldeia para recrutar dezoito homens decididos, a quem demos as nossas instrucções.

Na manhã seguinte voltámos, justamente na occasião em que o tigre estava a caminho do riacho para beber.

Logo que chegámos á caverna, postamos uma parte do pessoal sobre a arvore e entrámos com o restante. Primeiro tirámos para fóra uma porção de ossos roidos; depois rolámos para dentro uma grande pedra, á qual prendemos um carneiro, e para dar alguma luz no interior da caverna, puzemos uma vela accesa.

Terminado apenas este serviço, ouviu-se o assovio de um dos homens que estavam na arvore. Era o aviso de que o tigre se approximava. Subimos para o degrão, de que já falámos, e enristamos as lanças, promptos para fazer as honras ao dono da casa. O grito do pavão, o grasnar dos corvos e os urros do tigre formavam um concerto infernal. O tigre já tinha farejado a nossa presença. De repente, deu um salto e ficou á entrada da caverna, em observação, com as orelhas arrebitadas, olhos faiscantes, soprando desconfiado e abaixando-se na posição do gato que quer formar um salto. O carneiro balia de terror.

Com outro salto, o animal transpoz a entrada do antro. Nós esperavamos que se atirasse ao carneiro, porém elle reconheceu que os seus verdadeiros inimigos eramos nós e saltou direito a Abdalla, que estava agachado no degrão.

O meu companheiro estava prevenido para o ataque. Segurando vigorosamente a sua lança, enterrou-a na espadua do animal e segurou-o.

Aproveitando a vantagem da situação, os meus homens assestaram rapidamente as suas lanças para o bruto e seguraram-no fortemente.

Julguei que a lucta estava acabada. Mas tinha calculado mal as forças do tigre. Com um rugido de raiva, que ecoou por todo o recinto, levantou-se sobre as poderosas patas trazeiras e sacudiu as lanças, fazendo-as em pedaços, como se fossem palitos, ficando as pontas cravadas no corpo delle. Com uma das patas deanteiras, atirou-me um golpe e, se me apanhasse, era uma vez um homem. O golpe não me attingiu, porque Abdalla, com a rapidez do relampago, disparou-lhe a sua pistola dentro das guelas escancaradas. A pata já sem força, ainda me roçou pela cabeça, levando uma madeixa

de cabello, mas foi só isso. Um decimo de segundo que a descarga da pistola se demorasse e não sei o que seria de mim.

Ainda não estava extincto o som da detonação e já o animal estava estendido de patas para o ar com a minha lança enterrada no peito. Por cautella, eu e AAbdalla desgarregamos-lhe ainda o resto das cargas das pistolas no coração. Depois tudo ficou em silencio.

Demoramos-nos ainda cinco minutos n'aquella carverna pestilenta. Cortei a corda que prendia o carneiro e deixei-o ir-se embora. Quando se viu livre partiu aos saltos pelos campos fóra e desappareceu.

Os nossos guardas continuaram empoleirados na arvore. Só quando lhes asseguramos que o tigre estava morto, é que se resolveram a saltar abaixo, mas não houve meio de os obrigar a entrarem na caverna.

Nós, os vencedores, arrastámos o animal para fóra, mandamos fazer uma padiola e carregar os despojos para a aldeia.

Em regosijo por tão faustoso acontecimento, os collegios deram feriado e prepararam uma festa. As mulheres da aldeia amaldiçoaram o tigre e cobriram-no de improperios, como causador de todas as suas infelicidades.

Quando se tratou de o esfolar, o doutor da aldeia cortou-lhe as unhas, para fazer "mascotte" para as mulheres do sitio, o que lhe rendeu muito bom dinheiro. Os aldeãos levaram as gorduras, que, segundo diziam, eram grande remedio contra o rheumatismo e outras doenças.

Uma aventura nunca vem só. Por isso não tardou muito que Abdalla e eu encontrassemos occasião de tomar parte, embora indirecta, noutro grande drama do Deserto: a lucta de um tigre com um bufalo. Os verdadeiros responsaveis por este duello fomos nós, como se vae ver.

Deixando Langadaballi uma manhã, soube que andava por ali uma manada de bufalos. Tambem me constou que havia nas proximidades um grande tigre.

Dei parte disso a Abdalla que me assegurou que era um espectaculo raro e muito interessante e que deviamos, de qualquer maneira, proporcionar-nos este prazer promovendo o encontro do tigre com os bufalos.

Havia probabilidades de que o encontro se désse, mesmo sem a nossa intervenção, e então, a lucta seria inevitavel, mas a nossa missão era evitar qualquer desvio no encontro.

Tomamos nota do sitio onde os ruminantes iam beber e voltamos atraz, indo estacionar em um logarejo proximo, para nos prepararmos. Precisavamos de um carro de bois, para transportar um carneiro, que queriamos collocar perto do riacho, a servir de engodo para atrahir o tigre. O carro achou-se, mas o dono tinha medo dos bufalos, apezar de assegurarmos que, estando elle no carro, elles não lhe fariam mal. Pareceu convencido, mas á ultima hora voltou-lhe o medo e não foi. Abdalla e outro homem é que tiveram de conduzir o carro com o carneiro, que fomos prender perto do riacho, onde os animaes iam beber.

No outro dia, de manhã, partimos para o logar onde ficára o carneiro. A marcha era um pouco longa e chegamos fatigados. Abdalla procurou o sitio onde devia estar, e estava effectivamente o carneiro. Lá o achamos, mas morto já parcialmente, devorado por uma porção de chacaes que se cevavam na sua carne. Fizemol-os fugir á tiros de carabina, mas, sem querer, matamos um corvo e um abutre.

Abdalla ficou muito incommodado com a morte do corvo, pois acreditava que estes animaes o avisariam da presença do tigre, e não descansou emquanto o não pendurou no ramo de uma arvore.

Ao meio dia avistamos a manada dos bufalos. Parecia uma nuvem negra a andar rumo ao riacho. Os grande quadrupedes corriam, saltavam, paravam; dando idéa de um bando de carneiros gigantescos. A algumas dezenas de passos da corrente, deitaram a correr, a ver qual chegaria primeiro; e atiraram-se de tropel á agua. Depois de saciados, voltaram para a margem, procurando cada um a herva que lhe pareceu mais do seu gosto, não denotando ter pressa de abandonar o rio.

Havia ali perto um grande tamarindo, que julgamos um excellente observatorio. Trepamos a elle e fomos encarapitarnos nos ramos mais altos, donde se avistava toda a campina.

Mal nos tinhamos installado, ouviu-se o grito do pavão — aviso a todo bando alado para buscar abrigo, porque o tigre estava perto; e logo a seguir, por baixo da nossa arvore, sentiu-se o ruido peculiar de raspar no tronco. Era decerto algum animal e eu pensei que fosse um chacal. Mas um rugido rouco e forte advertiu-nos de que um tigre nos tinha farejado, o que tornava a nossa situação muito pouco invejavel. Viera farejante até a arvore, mas, chegando á base do tronco, pareceu ter perdido o olfacto. Estavamos a ver quando emprehendia a ascensão da arvore e examinavamos o estado das nossas pistolas, mas o bicho voltou costas, atirou-se para o lado do riacho e bebeu avidamente; depois foi provar os restos do carneiro meio devorado e pareceu que não gostou.

Os bufalos, porém, já estavam alerta. O tigre havia-se denunciado com os seus rugidos. Muitos dos animaes, que se tinham preguiçosamente estendido na relva, levantaram as cabeças, aspiraram o ar com força e mergulharam cobardemente no lodo.

O tigre, que estava então a menos de cem jardas da manada, prestou attenção a esse movimento e, voltando costas á arvore, agachou-se, como para preparar um salto; espreguiçou-se no chão, agitou a cauda e com os olhos extraordinariamente brilhantes, ficou por momentos em observação.

Os bufalos andavam de roda, visivelmente pertubados nos seus movimentos, quando um delles, evidentemente o chefe do bando, tomou a deanteira, com a cabeça baixa, escarvando o chão e

Por Anadaray Chanappa

dando roucos mugidos, que amedrontariam um adversario menos corajoso.

Com um berro longo, o tigre avançou alguns passos e tornou a agachar-se. Os dois poderosos combatentes estavam frente a frente. O duello, que tinha sido annunciado a grande instrumental, ia ter inicio; os arautos eram os proprios combatentes. Antevia-se uma lucta de morte, até acabar pela victori de um delles.

Durante dois minutos, o tigre e o bufalo executaram uma serie de manobras, espreitando cada um delles a opportunidade de tomar a offensiva. Subitamente, o grande felino deu um formidavel salto, como se fosse impellido por uma catapulta. Aquelle vôo do comprido, magro e esguio corpo atravez do espaço, acompanhado de um formidavel rugido, fez-nos tremer. Como um relampago, o bufalo deu um salto para o lado e foi a sua salvação, aliás, o tigre ter-lhe-ia cahido em cheio no lombo. Ainda assim, o bufalo não se livrou de um poderoso choque e de uma arranhadura na espadua, que lhe fez um grande ferimento.

Apenas o tigre chegou ao solo, o seu furioso antagonista voltou-se e, apanhando-o com os chifres, atirou-o a uma altura formidavel. O tigre tinha achado um competidor perigoso; mas o que mais nos surprehendeu foi a agilidade do bufalo. O grande boi, embora a sua apparencia tosca e a sua corpulencia, que não devia pesar menos de mil libras, era ligeiro nos seus movimentos como um gato.

Reconhecendo que tinha encontrado um adversario temivel, o tigre tornou-se muito prudente. Andava a roda do bufalo, procurando desoriental-o e achar uma opportunidade de lhe saltar de novo. Este jogo prolongou-se durante muitos minutos. Era muito curioso ver como o bufalo seguia os movimentos do seu adversario, procurando sempre tel-o na sua frente. Finalmente, o tigre viu uma opportunidade. Soltou um rugido atroador e deu um salto no ar. Desta vez o bufalo não foi tão agil. E o inimigo cahiu-lhe em cima.

Nós pensamos que estava tudo acabado para o bufalo e que este abandonasse a lucta. Garras valentes estavam-lhe cravadas nas espaduas e o tigre prendia-lhe, nos bellos dentes, o cachaço. Mas o bufalo estava bem longe de se dar por vencido. Levantou a cabeça e sacudiu violentamente o corpo, como para se livrar da terrivel pressão que estava soffrendo. O grande felino não se poude aguentar, escorregou e ficou pendurado, resvalando pelo bufalo abaixo. Rapidamente, antes que de novo o tigre se pudesse agarrar, o bufalo fez um recuo manhoso, apanhou-o com um coice e atirou-o ao chão, esperneando. Mal o tigre tinha tido tempo de chegar ao chão, o bufalo voltou-se e começou a moel-o com os chifres, sem lhe dar um momento de treguas e sem o deixar levantar-se.

Emquanto assim gastigava o seu adversario, o grande boi ia-o tambem espesinhando com as patas e foi isso o que o perdeu. Na sua raiva, o tigre mordia-lhe nellas, para vender cara a vida que lhe iam pouco a pouco arrancando do corpo.

Se o bufalo tivesse querido logo acabar com o seu adversario, tudo teria ido bem, porém elle continuava a espesinhar o inimigo já vencido, embriagando-se com a victoria. Ouviam-se distinctamente as patadas dos cascos batendo no chão, mas ahi a pouca perspicacia do bufalo tornou-se evidente. Num subito arranco, e já nas vascas da morte, o tigre conseguiu erguer a cabeça e apanhou-lhe uma pata, decepando-lhe completamente o pé, como se fosse de palha.

Em seguida o grande felino cahiu de costas morto, com o bufalo estendido em cima de si, mas sem o pé, cuja perna sangrava abundantemente.

"Fogo, Abdalla"; disse eu a seguir; e fizemos pontaria com as nossas carabinas, para alliviar o bufalo do seu misero penar.

Tinhamos assistido a uma batalha, como certamente não tornariamos a ver outra.

Ao som dos tiros das nossas carabinas, a manada, que se conservava a respeitosa distancia, retirou-se precipitadamente. Os profissionaes tentaram esfolar o tigre, mas a pelle estava tão estragada que não tinha valor algum. Tiramos os chifres do bufalo, que eu guardo em memoria da grandiosa batalha entre aquelles dignos habitantes das florestas...

As emoções da tragedia tinham-nos cansado o espirito. Recolhemo-nos aos nossos albergues e fomos palestrar um pouco acerca do que tinhamos visto e presenciado...

Clinica Medica de Para Todos...

AS VERMINOSES, NO RIO DE JANEIRO

Numa de nossas chronicas anteriores, alludindo á these inaugural do Dr. Gomes Calaça, relembrámos que o saudoso pesquizador citado, quando dissertou sobre a "Frequencia da helminthiase intestinal no Rio de Janeiro", poude chegar á desanimadora conclusão de que a percentagem geral das verminóses, entre nós, attingira á formidavel cifra de 82, 40 °|°.

A conclusão, entretanto, não originou surpresas, visto como ninguem será capaz de ignorar que, durante longos annos, a tradicional incuria dos nossos dirigentes abandonou essas miseras populações ruraes que rastejam em lobregos logarejos sem hygiene, onde o corpo definha e o espirito embrutece.

O grito de alarme do **Dr. Miguel Pereira** sómente despertou um interesse relativo, depois que um activo grupo de scientistas estrangeiros — a Commissão Rockefeller — constatou á saciedade a triste affirmativa de que "o Brasil é um vasto hospital !..."

O camponio — "Jéca Tatú", com um fatalismo musulmano — encontra, a cada passo, os meios de contaminação: aguas polluidas, onde vae matar a sêde; solo que recebe putridos dejectos; alimentos vehiculadores de larvas parasitarias; moscas e poeiras, carregadas de taes germens.

Que a penetração das larvas parasitarias não é feita exclusivamente, por via gastrica, explicam a contento, sem que possa existir a menor duvida, innumeras experiencias cuidadosamnte realizadas.

Manson affirmou que as larvas dessecadas, em mistura com a poeira, podem penetrar, por via respiratoria e, em breve tempo, se desenvolver, no organismo; e, entre nós, ficou exuberantemente demonstrado que as larvas da uncinaria, em contacto com a pelle, penetravam no tegumento, sem a menor difficuldade.

Foi a confirmação do que, em 1898, occorreu, no Cairo, com o professor **Lôos**, o qual estudando a biologia de certos vermes, deixou cahir, nas mãos, culturas ricas em larvas de ankylostomos e notou que ellas atravessavam a peile, vindo a apresentar, algum tempo depois, toda a symptomatologia da ankylostomose, com enorme quantidade de ovos, nas dejecções.

Por mais inverosimil que pareça o mecanismo, é assim o modo de penetração das larvas: atravessando os póros da pelle, vêm, pela circulação lymphatica á arteria pulmonar; passam aos bronchios, á trachéa e á larynge; dahi, caminham, para o pharynge; por meio da deglutição, caem no esophago; e, então, facilmente descem ao duodeno, onde se enkystam, para exercer duas acções: uma physica, — a ruptura da rêde capillar do intestino — e outra chimica, — a secreção da hemolysina tão nociva ao organismo.

A prophylaxia das verminóses é problema bem complexo. Como evitar a propagação de tal flagello, num meio refractario ás disciplinas hygienicas ?

O camponio lava a roupa e liberta-se dos dejectos, nos rios e nos poços, onde encontra agua potavel; habitualmente descalço, pisa, sobre o solo, em todas as immundicies; usa de alimentos quasi sempre contaminados; e tem o conde-

minavel habito inveterado de fazer os repastos, no proprio campo de trabalho, utilisando-se das mãos cobertas de poeira.

Emquanto as nossas populações ruraes desconhecerem os rudimentares preceitos de hygiene, a insalubridade, entre elles, será irremediavel, muito embora o esforço da engenharia sanitaria conceba e execute notaveis projectos.

CONSULTORIO

R. I. T. A. (São Paulo) — Adoptará um regimen alimentar especialissimo, fazendo exclusão de gorduras, de assucar, de cerveja, de licores e de todas as bebidas muito adocicadas. Tambem se absterá de farinaceos e de massas alimenticias. Antes de cada refeição principal, tomará uma dragea de "Colloidine Laleuf". No momento de se recolher ao leito, usará o "Lacteol", — 1|4 de tubo, num pouco dagua fria.

L. E. N. (Barra Mansa) — Internamente use: azul de methyleno 5 centigrammas, salol 25 centigrammas, — em uma capsula, vindo 14 iguaes, para tomar uma, antes de cada refeição principal. Externamente empregue: laudano de Sydenham 5 grammas, ichthyol 30 grammas, glycerina neutra 300 grammas, — uma colher (das de sopa), para um irrigador cheio dagua morna, em lavagens diarias, pela manhã e á noite. De 3 em 3 dias, substitua a lavagem nocturna pela applicação de um ovulo de thigenol opiado, — applicação feita no momento de se recolher ao leito.

MAESINHA (Rio) — Dê á creança: tintura de cardamamo 1 gr., tintura de genciana 2 grs., tintura de camomilla 3 grs., citrato de sodio 8 grs., xarope de aniz 30 grs., magnesia fluida um vidro, — uma colher (das de sopa), de 4 em 4 horas. Dê tambem, á noite, no momento de recolher a creança ao leito, uma colher (das de sobremesa) de "Manitol".

G. A. S. (Bello Horizonte) — Deve usar: solução de digitalina Mialhe 20 gottas, tintura de valeriana 1 gr., extracto fluido de mulungu' 5 grs., bromureto de sodio 2 grs., xarope de convallaria 30 grs., hydrolato de melissa 120 grs., — uma colher (das de sopa), de 4 em 4 horas.

TIA (Barbacena) — Sim. Deve continuar com o tratamento recalcificante e, com maior razão, porque ha suspeita de ascendencia tuberculosa.

Dr. Durval de Brito

BORRÃO DE TINTA

Ella estava sentada na escadaria do Templo luminoso ..
Parecia um borrão de tinta sujando o marmore lavado ..
Néga véia.
Essa gente rica que ia entrando,
Essa gente rica que descia de autos luxuosos,
Esses "sinhôs-moços" que vinham rezar de polainas,
tiveram uma "néga-véia" que os acalentou na infancia...
Mas ninguem se importava com ella,
ninguem se importava com a nêga véia,
que parecia um borrão de tinta sujando o marmore lavado...

NELSON CID

A mulher que não tinha alma

(*de Dante Angyone Costa*)

No outro tempo aquillo andava tão direitinho...

Os moveis muito limpos. A casa muito limpa. As paredes muito limpas. E os donos immensamente felizes.

A gente via que aquillo era um "menage á trois". Elle, ella e a felicidade. Os tres juntos, juntinhos.

Depois a mulher se aborreceu de tudo aquillo.

E fugiu levando Felicidade. Fugiu com um italiano gordo que lhe prometteu mundos e fundos.

Elle nunca mais soube da mulher. Nem do italiano. Andavam por ahi...

Elle continuou morando na mesma casa. Ninguem diria. Os moveis muito sujos. A casa muito suja. As paredes muito sujas. E o dono immensamente infeliz.

Infeliz e só. Terrivelmente só.

Era violinista. E repartia o seu carinho com um violino velho, onde as suas mãos habeis faziam milagres.

— Pensara muito nos primeiros mezes. Quiz até suicidar-se. Arrependeu-se. E foi esquecendo. A ferida foi fechando, foi fechando...

Agora tinha esquecido de todo. Mas tinha ficado com a certeza horrivel de nunca mais ser feliz.

Vivia atôa, sem pensar nella nem em coisa nenhuma. Sem estimulo, sem vontade, sem nada. Ao Deus dará.

Bateram. O homem moveu-se com um cansaço enorme. Abriu.

— Você!... E' possivel?!...

— Saudades tuas, sabes... Aborreci logo. Elle é doido por mim.

O homem quiz dizer e quiz fazer uma porção de coisas estupidas. Mas não disse nem fez nada.

Então foi o artista quem falou.

Pediu-lhe que voltasse. Não via que já tinha feito o sacrificio de esquecel-a... que voltasse. Que só tinha vindo quebrar a sua harmonia interior.

E mesmo, sabia, elle não tinha dinheiro. Não podia sustental-a. Não passava de um artista miseravel.

A mulher mordeu os labios. E voltou sem remorso algum. Com indifferença.

O mundo lá fóra esperava-a. Veio para o mundo.

E no outro dia a mulher leu que um violinista tinha se suicidado.

Fôra o seu violinista.

Leu com indifferença.

Nem chorou...

Dentes
como um fio de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fio de Perolas.
A pasta „Odol" torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O liquido „Odol" penetra ém todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Pasta dentifrica Odol
Odol
Frasco grande

CINEARTE

A revista mais completa em assumptos da cinematographia moderna.

VISITEM A LINDA EXPOSIÇÃO NA
PERFUMARIA NUNES — LARGO DE SÃO FRANCISCO, 25

3 perfumes differentes, um delles é

Ipoméa

Si lhe agradar o fino perfume IPOMÉA, que dá nome ao sabonete Olivan Nº 1, lembre-se que existem ainda os dois deliciosos perfumes do Olivan Nº 2: AZALÉA, e do Olivan Nº 3: GLYCINIA.

Pelo perfume e pela qualidade — a Senhora ha de gostar dos famosos

SABONETES OLIVAN

PROTEGER A PELLE
É PROTEGER A VIDA.

LABORATORIO
OLIVEIRA JUNIOR

RUA 2 DE DEZEMBRO, 17
RIO DE JANEIRO.

Para todos...

23 — Fevereiro — 1929

D i l u v i o

Quando Deus decidiu afogar o mundo, chamou o velho Noé, mandou que elle construisse uma arca, etc., etc...

Os animaes iam subindo para o immenso refugio onde ficariam livres da morte certa.

Entraram casaes de cobras, formigas, cachorros, um bóde com uma cabra, um gallo com uma gallinha, pardaes, traças, baratas.

Ainda vinha muita gente, e a chuva apertou.

Aconteceu na prancha o que sempre acontece nessas occasiões: neurasthenias, atropelos, uma balburdia de todos os diabos.

Cada qual queria passar diante.

O macaco estava impossivel.

A gata punha as mãos nas orelhas.

O boi resmungava contra a falta de educação.

A' frente do par de elephantes seguia o par de pulgas.

No momento em que o aperto cresceu mais, a pulga virou-se furiosa e gritou para o elephante:

— Não empurra! —

Quarenta dias depois a enchente começou a acabar.

A pomba sahiu por uma fresta e trouxe de volta uma hervinha que nascera na terra lavada.

Os animaes voltaram ás suas actividades.

Até hoje ninguem sabe porque foi aquelle desperdicio de agua.

O mundo continuou como era...

S A M U E L T R I S T Ã O

Lembranças

do

Carnaval

No

Club

Gymnastico

Apezar

da

Chuva

Corso

de

Carnaval

"Ramona, te adoro con mi corazon"

— Gostas de musica, não é, Pé de Pato ? Ha meia hora que estás ahi encostado.

— Nem tanto. Eu espero apenas um pequeno descuido do dono da victrola...

(Desenho de J. Carlos)

Dezoito horas e meia. Nem um minuto porque a madama respeita as horas de trabalho. Carmela sáe da officina. Bianca vem ao seu lado.

A rua Barão de Itapetininga é um deposito sarapintado de automoveis gritadores. As casas de modas (*Ao Chic Parisiense*, *São Paulo-Paris*, *Paris Elegante*) despejam nas calçadas as costureirinhas que riem, falam alto, balançam os quadris como gangorras.

— Espia se elle está na esquina.

— Não está.

— Então está na praça da Republica. Aqui tem muita gente mesmo.

— Que fiteiro!

O vestido de Carmela colladinho no corpo é de organdi verde. Braços nús, collo nú, joelhos de fóra. Sapatinhos verdes. Bago de uva Marengo maduro para os labios dos amadores.

— Ai que rico corpinho!

— Não se enxerga, seu cafageste? Portuguez sem educação!

Abre a bolsa e espreita o espelhinho quebrado que reflecte a bocca reluzente de carmim primeiro, depois o nariz chumbeva, depois os fiapos de sobrancelha, por ultimo as bolas de metal branco na ponta das orelhas descobertas.

Bianca por ser estrábica e feia é a sentinella da companheira.

— Olha o automovel do outro dia.

— O caixa d'oculos?

— Com uma bruta luva vermelha.

O caixa d'oculos pára o Buick de proposito na esquina da praça.

— Póde passar.

— Muito obrigada.

Passa na pontinha dos pés. Cabeça baixa. Toda nervosa.

— Não vira para traz, Bianca. Escandalosa!

Deante de Álvares de Azevedo (ou Fagundes Varela) o Angelo Cuoco de sapatos vermelhos de ponta afilada, meias brancas, gravatinha deste tamanhinho, chapéo á Rodolpho Valentino, paletot de um botão só, espera ha muito com os olhos escangalhados de inspeccionar a rua Barão de Itapetininga.

— O Angelo!

— Dê o fóra.

Bianca retarda o passo. Carmela continúa no mesmo. Como se não houvesse nada. E o Angelo junta-se a ella. Tambem como não houvesse nada. Só que sorri.

— Jã acabou o romance?

— A madama não deixa a gente ler na officina.

— E'? Sei. Amanhã tem baile na Sociedade.

— Que bruta novidade, Angelo! Tem todo domingo. Não segura no braço!

— Enjoada!

Na rua do Arouche o Buick de novo. Passa. Repassa. Torna a passar.

— Quem é aquelle cara?

— Como é que eu hei de saber?

— Você dá confiança para qualquer um. Nunca vi, puxa! Não olha p'ra elle que eu armo já uma encrenca!

Bianca roe as unhas. Vinte metros atrás. Os freios do Buick guincham nas rodas e os pneumaticos deslisam rente á calçada. E estacam.

— Bôa tarde, bellezinha...

— Quem? Eu?

— Por que não? Você mesma...

Bianca roe as unhas com appetite.

— Diga uma cousa. Onde móra a sua companheira?

— Ao lado de minha casa.

— Onde é sua casa?

— Não é de sua conta.

O caixa d'oculos não se zanga. Nem se atrapalha. E' um traquejado.

— Responda direitinho. Não faça assim. Diga onde móra.

— Na rua Lopes de Oliveira. Numa villa. Villa Margarida n. 4. Carmela móra com a familia della no 5.

— Ah! Chama-se Carmela... Lindo nome. Você é capaz de lhe dar um recado?

Bianca roe as unhas.

— Diga a ella que eu a espero amanhã de noite, ás oito horas, na rua... não... atrás da igreja de Santa Cecilia. Mas que ella vá sozinha, hein? Sem você. O barbeirinho tambem póde ficar em casa.

— O Barbeirinho nada! Entregador da Casa Clark!

— E' a mesma cousa. Não se esqueça do recado. Amanhã, ás oito horas, atrás da igreja.

— Vá sahindo que póde vir gente conhecida.

Tambem o grillo já havia apitado.

— Elle falou com você. Pensa que eu não vi? O Angelo tambem viu. Ficou damnado.

— Que me importa? O caixa d'oculos disse que espera você amanhã de noite, ás oito horas, no largo Santa Cecilia. Atrás da igreja.

— Que é que elle pensa? Eu não sou dessas. Eu não!

— Que fita, Nossa Senhora! Elle gosta de você, sua boba.

— Elle disse?

— Gosta p'ra burro.

— Não vou na onda.

— Que fingida que você é!

— Ciao.

— Ciao.

Antes de se estender ao lado da irmãzinha na cama de ferro Carmela abre o romance á luz da lampada de 16 velas: *Joanna a desgraçada ou A odisseia de uma virgem*, fasciculo 2.°

Percorre logo as gravuras. Umas teteias. A da capa então é linda mesmo. No fundo o imponente castello. No primeiro plano a ingreme ladeira que conduz ao castello. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete. Montado no ginete o apaixonado caçula do castellão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no cachaço do ginete a formosa donzella desmaiada entregando ao vento os cabellos côr de carambola.

Quando Carmela reparando bem começa a verificar que o castello não é mais um castello mas uma igreja o tripeiro Giuseppe Santini berra no corredor:

— Spegni la luce! Subito! Mi vuole proprio rovinare questa principessa!

E — ráatá! — uma cusparada daquellas.

— Eu só vou até a esquina da alameda Glette. Já vou avisando.

— Trouxa. Que tem?

No largo Santa Cecilia atrás da igreja o caixa d'oculos sem tirar as mãos do volante insiste pela segunda vez:

— Uma voltinha de cinco minutos só... Ninguem nos verá. Você verá. Não seja má. Suba aqui.

Carmela olha primeiro a ponta do sapato esquerdo, depois a do direito, depois a do esquerdo de novo, depois a do direito outra vez, levantando e descendo a cinta. Bianca roe as unhas.

— Só com a Bianca...

— Não. Para quê? Venha você sozinha.

— Sem a Bianca não vou.

— Está bem. Não vale a pena brigar por isso. Você vem aqui na frente commigo. A Bianca senta atrás.

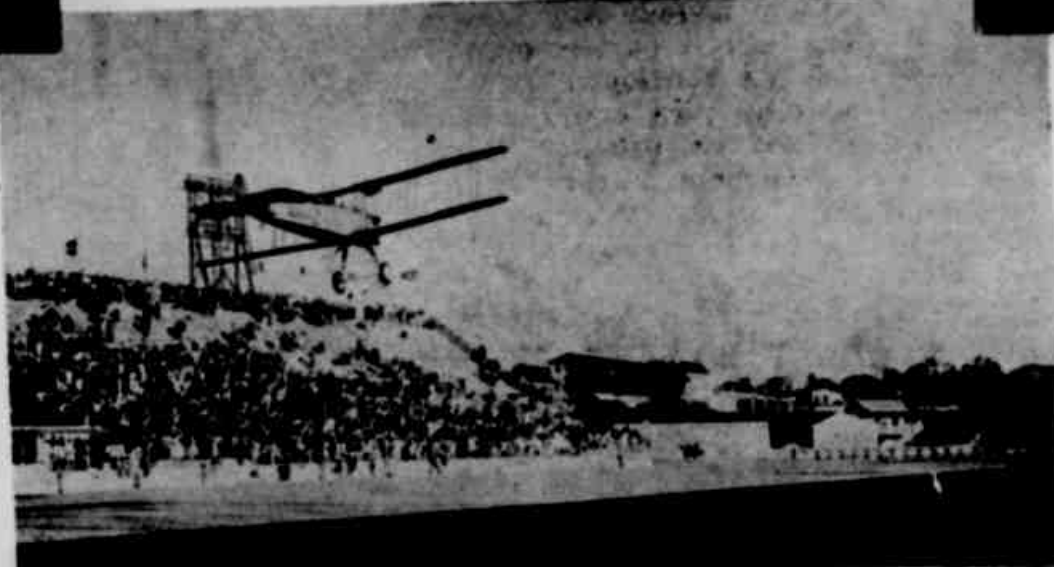
— Mas cinco minutos só. O senhor falou...

(*Conclue no fim do numero*).

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

(*Desenho de Di Cavalcanti*)

Football domingo dezesete

Instantaneos no campo do Vasco. Os combinados do Uruguay e do Brasil, os quadros do Botafogo e do America.

No jogo nacional ganhou o Botafogo por 3 a 1. No jogo internacional ganhou o Rampla, de Montevidéo, por 4 a 1.

URUGUAYOS BRASILEIROS

Maria Cecilia. Tem tres annos. E' filha do commandante Hugo Machado. Neta do doutor Max Fleiuss. Tirou o primeiro premio do Carnaval de 1929 no Club Naval. A fantasia della foi toda feita pela senhorinha Maria Carolina Fleiuss.

(Photo Annunciato)

SENHORINHA CAROLINA NABUCO

que acaba de publicar "A Vida de Joaquim Nabuco por sua filha Carolina Nabuco", livro de intelligencia e de coração. Todos os louvores lhe têm sido dados. Joaquim Nabuco é um dos brasileiros que a gente nova mais quér. O livro de Dona Carolina é um evangelho. Até a Academia se commoveu com elle. Em sessão de 24 de Janeiro, da Academia Brasileira, o Senhor Alberto de Oliveira propoz que: "Attendendo ao valor excepcional do livro que acaba de ser publicado "A Vida de Joaquim Nabuco por sua filha Carolina Nabuco", se congratulasse a Academia com D. Carolina Nabuco pela obra que tanto realça as nossas letras e tão digna é da memoria do inesquecivel consocio e glorioso patricio. Essa proposta, unica na historia da Academia, foi approvada por maioria.

CATULLO CEARENSE tocava violão e inventava modinhas para cantar. A fama delle era grande nos suburbios. Senhores que davam festinhas em casa começaram a convidar Catullo Cearense. Catullo de repente fez a Cabloca de Caxangá, fez o Luar do Sertão e a cidade aprendeu o nome do poeta rustico. O senhor Julio Dantas ficou enthusiasmado quando leu as coisas do "Meu Sertão", livro popular, e derramou uma chronica inteira em cima do autor. Catullo perdeu a cabeça. E de cabeça perdida se mantem. A ultima mania de Catullo é atacar o que elle chama: os criticos. Atacou Medeiros e Albuquerque, Agrippino Griéco e João Ribeiro, João Ribeiro então deu pelo "Estado de São Paulo" uns piparótes em Catullo.

● ● ● ● ● ● ● ●

Estes, gostosos:

— O Catullo Cearense segundo confessa numa fabula recente entrou no céo graças a S. Pedro, amigo da poesia.

Esta bôa alma (não falo de S. Pedro, já se vê) deu para escrever cartas aos criticos, a Medeiros, ao Agrippino e a mim, que o acho razoavel trovador quanto se póde exigir da sua lyra que é um violão.

E' provavel que S. Pedro habituado ás harpas dos seraphins, puzesse embargos ás cordas de tripa do poeta sertanejo e o mettesse num choro (não se deve lêr xôro) a "bocca chiusa".

Só na fabula da "festa no céo" é que o violão alcançou o empyreo levando dentro um sapo. O celeste Catullo não é um sapo vulgar. Coaxa lindamente

Tem para mim apenas um defeito: apanha bem a toada popular mas põe-lhe dentro uma letra inqualificavel.

E' uma fraude vulgarissima entre os cururús e igual a daquelles sujeitos que cantam as admiraveis melodias da "Traviata" pondo-lhes a letra da "Maria Caxuxa" ou da "Maria tu já me deixaste"... —

E estes, gostosissimos:

— A mim, que o estimo, diz que sou velho (e é bem verdade) tenho mofo e sou o estheta da fealdade, esquecendo que sempre fui um dos esthetas do seu genio poetico.

Se fosse a mim São Pedro, eu lhe daria outro céo e outra bem aventurança que se dá a certos pobre do Evangelho. —

Catullo da Paixão Cearense precisa tomar fortificantes... Coisas que endureçam os miólos. Do contrario, o Brasil perde de vez o seu derradeiro serenatista...

PETROPOLIS

Dois recantos da Terra das Hortensias Bonitas

Arredores de Curityba

Colonia Abranches

Estado do Paraná

Tunel do viaducto Carvalho da Estrada de Ferro Paranaguá Curityba

(Photos Groff)

Num pic-nic

Em Morretes

Penitenciaria de onde fugiram ha pouco todos os presos

OURO PRETO EM MINAS GERAES

Pedra da Tartaruga

Fonte da Agua Ferrea

Aprendizado "Barão de Camargos"

Pedras da Serra do Itacolomy

BAHIA

Em cima, a Rua Chile, um dos principaes centros commerciaes da cidade do Salvador

Velha rua

Em Itaparica junto da Fonte

Senhoritas da elite bahiana na estação de aguas de Itaparica

Onde Bello Horizonte nasceu...

DE BARROS VIDAL

A seis kilometros do centro de Bello Horizonte ainda hoje existe uma casinha tosca que os mineiros deviam respeitar e conservar como uma reliquia historica, porque foi ali que a audacia e a tenacidade de um homem prepararam o berço do povoado que mais tarde se transformou na capital risonha de hoje. Quem olha a vasta area que Bello Horizonte occupa, entre montanhas, nem, de leve, imagina que outr'ora toda ella fôra uma unica e exclusiva propriedade... Sabendo disso numa palestra intima, a nossa curiosidade se aguçou na ansia sempre incontida de se aprofundar e de conhecer detalhes, os mais infimos... O que sabiamos, embora vagamente, da fundação de Bello Horizonte, ia até ao "Curral del Rei".. De lá para traz tudo ignoravamos.. E foi a informação prestimosa de um collega e a preciosa "memoria historica e descriptiva" de Bello Horizonte que o brilhante intellectual mineiro Abilio Barreto escreveu, que nos deram a conhecer todas as curiosidades desse episodio historico cheio de belleza, de encanto e romantismo..

No alvorecer do anno de 1700 o fidalgo paulista Bartholomeu Bueno da Silva, o "Anhanguera 2º", attrahido pela fama das terras mineiras que muitos diziam possuir riquezas inesgotaveis no seu seio fecundo, para ellas se encaminhou, estabelecendo-se numa larga faixa de terra comprehendida entre o Rio das Velhas e o Pará. Um anno depois os seus genros, Domingos Rodrigues do Prado e João Leite da Silva Ortiz deixavam-se empolgar pelos mesmos sonhos que embalaram a imaginação do velho Bartholomeu, preparando-se para ir ao seu encontro, assim mesmo como aquelle desejava. Finalmente, Prado e Ortiz e mais tres centenas de aventureiros chegaram ás margens do Rio das Velhas, por ahi se espalhando e povoando Sabará.

Ortiz depois de examinar todo o territorio achou que o melhor ponto era a serra das Congonhas, ahi se installando em vastissimo trecho, ao qual deu o nome de "Cercado", trecho onde 196 annos depois se erguia a capital do estado. Emprehendedor e activo, Ortiz dotou a sua vasta propriedade de formidavel creação de animaes, nella espalhando seus quinhentos escravos e edificando varias casas. Com o prestigio de ter sido o primeiro homem civilisado que pisou aquelle logar de Minas — a serra das Cegonhas — ali Ortiz se installou com os seus, dando a impressão de que dali não mais se afastaria. Mas em 1721, ao contrario disso, cedendo ás exigencias da sua indole aventureira, Ortiz deixava o "Cercado" partindo com o sogro e seu irmão rumo ás terras goyanas, no proposito de desbravar-lhe as intimidades e descobrir-lhe as fabulosas riquezas do solo privilegiado.

Todas as investigações historicas mergulham, dahi até 1751, nas mais densas trevas. Sobre as condições em que Ortiz vendeu o "Cercado" paira impenetravel mysterio. Tudo leva a crêr, entretanto, que nelle vendido "por um o que valia dez" o "Cercado" passasse ás mãos de differentes donos cujos nomes escaparam, por falta de documentos, ás pesquizas dos historiadores.

Em fins de 1751, depois de tão largo lapso, emquanto Ortiz lá no Goyaz conquistava os mais lindos triumphos, a fazenda do Cercado passava ás mãos do alferes de Dragões Antonio Teixeira Pinto. A essa altura, o "Cercado" e toda a area em redor já tinha a denominação de "Curral del Rei". Com a morte do alferes de Dragões Teixeira Pinto, seus bens foram levados á praça na Villa Real Real de Sabará pelo juiz dos ausentes e arrematados por Antonio de Souza Guimarães, que recebeu a respectiva carta de arrematação.

A fazenda de Cercado, berço do Curral del Rei, onde nasceu Bello Horizonte.

Mas Guimarães, homem pratico e experiente, para assegurar os direitos da sua nova propriedade aos seus herdeiros, procurou obter do governador da provincia uma carta de confirmação da sesmaria, o que conseguiu depois de ingentes esforços. Em 9 de Setembro de 1761, Souza Guimarães recebia do proprio Rei de Portugal outra confirmação, essa definitiva. Com o fallecimento de Guimarães, o Rodeado, já grandemente mutilado, passou a pertencer á sua filha Ursula Paulina de Souza Guimarães que, por sua vez, o deixou, por morte, á D. Candida Souza Guimarães.

No decorrer destes tres seculos o "Rodeado" foi diminuindo sensivelmente. Novos proprietarios se installavam nos terrenos adquiridos e assim, na marcha vertiginosa dos annos, a fazenda fundada por Ortiz perdeu grande parte da sua apreciavel extensão territorial.

Hoje, que Bello Horizonte assenta nas terras da antiga fazenda, ainda vivem na mesma casa secular que serviu a Guimarães, os Candido de Souza, seus herdeiros, que se orgulham de tão nobre ascendencia. No que sobrou da antiga fazenda do "Rodeado" e que fica proximo ao bairro do Calafate, ainda existe uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da familia Guimarães e dos seus descendentes.

NO FLUMINENSE F. B. CLUB

No Villa Isabel F. B. Club, no Club Atlantico da Ilha do Governador, no Club Guanabara da Ilha do Governador, no baile infantil do Club Naval, no baile infantil do C. R. Flamengo, no baile infantil do Palacio Theatro, na nossa redacção.

Do Carnaval

NO CLUB DE SÃO CHRISTOVÃO

No Atlantico Club, no baile infantil do Club dos Bandeirantes, no baile infantil do Palacio Theatro, no baile infantil do C. R. Botafogo, Celia e Adhilvo Adherbal Silveira que visitaram a redacção de "Para todos.." na segunda-feira de Carnaval.

que se acabou

Cinema do Brasil

LELITA ROSA. E' UMA DAS ESTRELLAS DE "BARRO HUMANO". JA' FEZ FITA EM SÃO PAULO. NASCEU LA'. VEIU DE LA' NUMA BARATINHA VERDE. TEM O BONITO NOVO. PARECE UMA CHINEZA PASSADA A LIMPO. E FAZ DESCONFIAR QUE NO PLANETA MARTE AS MULHERES SÃO ASSIM...

O prestito dos Democraticos foi feito por Hypolito Colomb e Modestino Kanto, ajudados por Herculano Freixo, Jorgão de Oliveira, Arnold Rosenmayer, Quirino Silva, Homero Filho, Antonio Novelino, Anysio Fernandes e Guilherme Louzada (K. D. T.)

O prestito dos Fenianos foi feito por Angelo Lazary e Paulo Mazzuchelli, com o concurso de Pepita de Abreu, auxiliados por Moreira Junior, Orestes Acquarone, Bertha Moreira, Antonio Pamplona, José de Oliveira Soares, Deodoro de Abreu e Caetano Junior.

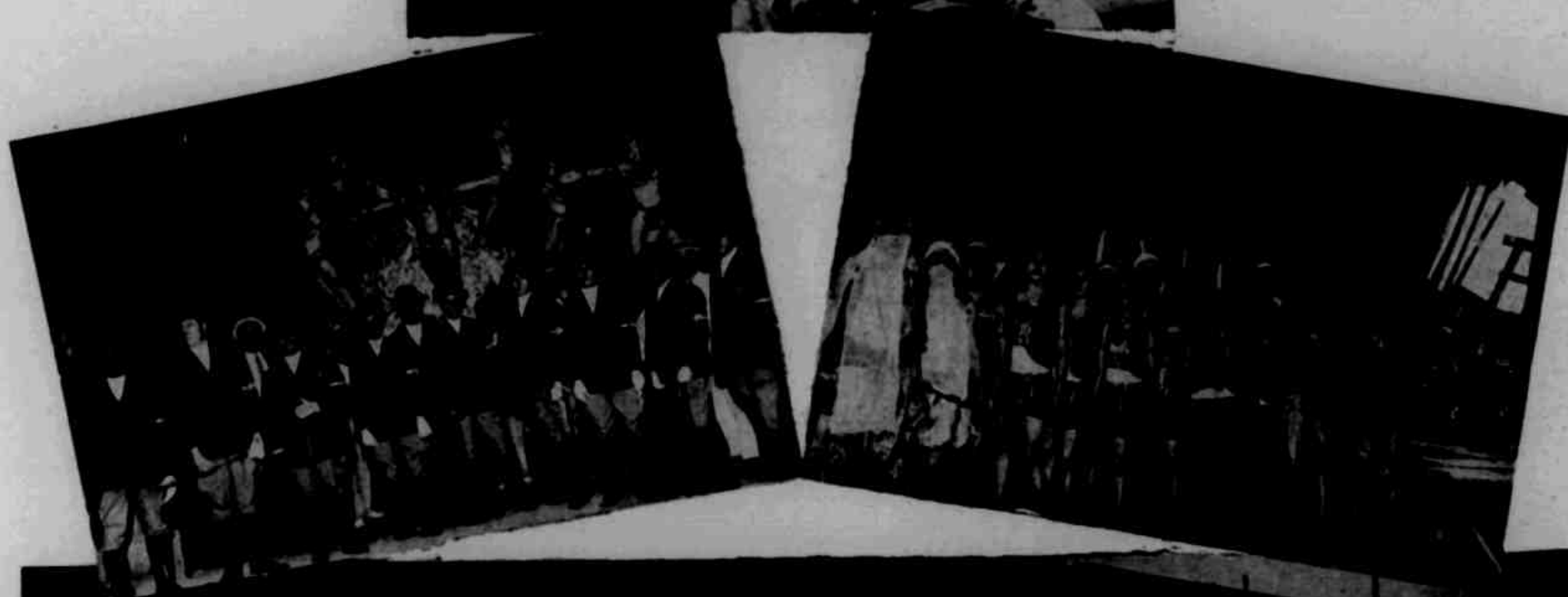
Carros dos prestitos dos Democraticos e Tenentes que não sahiram e dos Fenianos que a chuva estragou.

O Carnaval que Deus não quiz

O prestito dos Tenentes foi feito por Jayme Silva e Francisco de Andrade.

O prestito dos Pierrots foi feito por Publio Marroig, Paes Leme e João Rangel.

O carro do Maharadjha de Baroda

Outros quatro carros do prestito

A commissão de frente

OS PIERROTS DA CAVERNA NÃO LIGARAM AO MÁO TEMPO

Caravana indiana

MUSICA

A pianista Tina Cannabrava, que acaba de chegar de São Paulo, onde deu concertos com grande exito. Discipula de Oswald.

Nossa Magdalena Tagliaferro que o Rio vae ouvir de novo este anno principalmente como interprete dos musicos modernos.

Registrámos ha poucos dias, lindo successo alcançado em Paris pela nossa talensa patricia, Dulce de Saules, que ali realizou o seu recital de apresentação.

Transcreviamos, então, o telegramma que nos falava desse recital e teciamos ligeiros commentarios em torno da fórma expressiva pela qual a noticia chegára até nós.

Dulce de Saules, como se sabe, terminou o seu curso de piano do nosso Instituto de Musica, sendo premiada, em concurso final, com o Primeiro Premio, Medalha de Ouro. Tendo depois ingressado no corpo docente do mesmo Instituto, como professora do seu instrumento, depois de se submetter a concurso Dulce de Saules seguiu ultimamente para Paris, de onde nos manda agora as bellas noticias do seu recital.

Não são muitas, mas são expressivas. Através de sua leitura, tem-se a impressão de que a joven pianista agradou em absoluto ao seu publico e á sua imprensa. E isso, no fim de contas, é tudo, para quem se apresenta ao julgamento das platéas — especialmente das platéas de Paris, sempre tão exigentes para tudo quanto não seja francez.

A "Comedia" assim se referiu ao concerto: "Entre os recitaes realizados nos ultimos dias do anno de 1928, convem assignalar de modo todo particular o da joven pianista brasileira, Mlle. Dulce de Saules. Sua execução é colorida e sabe alliar a bravura á finura. Quanto á sua technica, tudo indica que venha a ser perfeita, quando attingir á plena maturidade. Ella teve um acolhimento dos mais sympathicos.

No "Le Journal" lemos estas palavras: "Ha manifestações pianisticas que merecem ser assignaladas: Mlle. Dulce de Saules, pianista brasileira, durante um recital, acaba de se revelar muito sensivel ao romantismo de Chopin. O "Carnaval", de Schumann, assim como as paginas de Debussy e Albeniz, acharam nesta brilhante virtuose, um jogo "souple, delié et joliment nuancé", uma interprete de qualidade: seu successo foi muito oiro !"

O "Echo de Paris" declarou que "o recital de piano dado na sala Chopin pela pianista brasileira, Mlle. Dulce de Saules, obteve o maior successo. Esta admiravel artista executou paginas de Chopin, Debussy, Schumann, Oswald, Barodini e Albeniz, com um brilho, uma delicadeza e uma virtuosidade extremas, dando provas de uma penetração perfeita do pensamento dos mestres".

Finalmente, o "Excelsior" escreveu: "Mlle. Dulce de Saules possue bellas sonoridades, que não excluem o redondo da accentuação. O espirito das interpretações é de agradavel diversidade.

"La Cathedrale engloutie" e "Les poissons d'or", de Debussy revelaram na joven artista brasileira uma imaginação servida por uma technica onde a velocidade tem logar ao lado de muito finas indicações tacteis".

Através dessas palavras ahi transcriptas fica perfeitamente patente o triumpho alcançado por Dulce de Saules, que, assim tão brilhantemente, graças ao seu talento artistico, prestou o seu serviço ao credito e ao renome de sua Patria, no estrangeiro.

A ella, devemos esta opportunidade de tratar com carinho do que é nosso — ponto de vista que, mais do que nenhum outro, interessa esta secção.

E' por isso que, ainda sob a impressão dos ultimos écos do Carnaval, mais uma vez chamamos a attenção dos nossos compositores de escól, para o manancial inesgotavel de arte, que é a musica popular brasileira.

Foram numerosos os "sambas" e "modinhas" e "marchas" que appareceram em conquista da popularidade ephemera dos quatro dias de Carnaval. Entre elles, surgiram themas novos do Norte, do Sul e do Centro do Brasil. Alguns singelos, alguns arrojados, vibrantes e bellos, inspirados sempre; prestam-se todos elles ao desenvolvimento, estando mesmo a pedir o bom gosto e a harmonisação adeantada dos grandes compositores brasileiros.

Pela evolução de nossa musica, muito nos temos batido e muito já temos conseguido. Em grande, esse movimento que todos apreciámos hoje, é fructo do enthusiasmo com que ha cerca de doze annos vimos estimulando os nossos compositores de arte.

E' preciso proseguir com interesse. Se o momento ainda é da indecisão, a indecisão passará. A musica brasileira, tem na sua melodia e nos seus rythmos os seus grandes elementos de triumpho. Explorada com carinho, com arte e com bom gosto, sem que a sua belleza seja maculada e sem que seja prejudicado o seu caracter, ella vencerá, porque é bella como as mais bellas, rica como as mais ricas. O movimento de reacção é nosso contemporaneo. Pois que o dia da victoria seja tambem contemporaneo nosso, para que possamos ter, muito breve, o grande orgulho de havermos cumprido o nosso dever de brasileiros, apossando-nos desse thesouro que é nosso — antes que delle se apossem as aves de arribação, que andam em terras alheias em procura de novos elementos para triumphar em suas proprias terras...

SUECIA

PAYSAGENS

O Palacio das Necessidades em Lisboa

Os Paços do Concelho em Chaves

Na Misericordia de Lisboa em 25 de Dezembro

Festa de Natal das creanças albergadas

DE PORTUGAL

Creanças de São Paulo

Daisy Motono

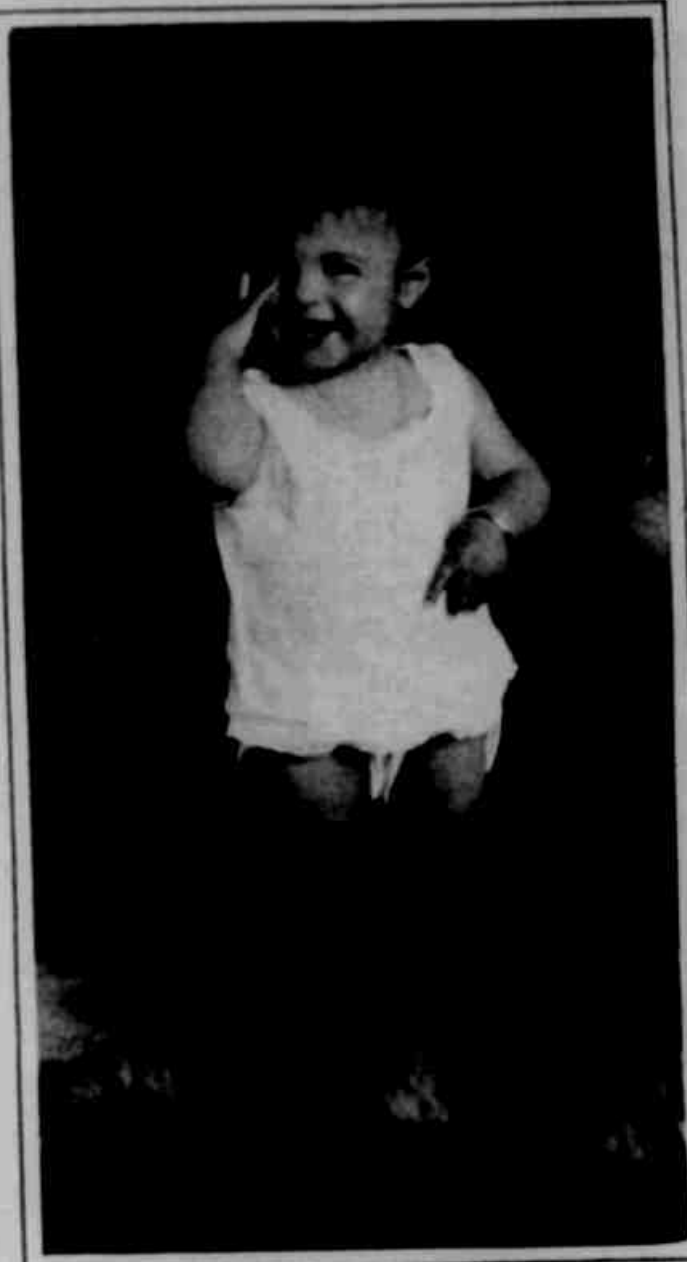



PHOTO SCHUBERNIG

Filha do Sr. Mario Pitombo

Maria Dirce Farani

Filha do Sr. Gasparian

OS NEGROS

Sonha em paz! Sê feliz! E que eu fique de joelhos

Sob o fulgido céu, a relembrar maguado

Que os fructos do café são globulos vermelhos

Do sangue que escorreu do negro escravizado!

(Do "Pae João")

CYRO COSTA

Bagos vermelho do café.

Gotas de sangue do negro escravizado.

Negros...

Grandeza immensa do Brasil.

Fecundidade sadia e forte.

Trabalho persistente e salvador.

Negros...

Alavanca poderosa do progresso.

Pá. Enxada. Picareta.

Renovadores da terra. Purificadores da terra que nos alimenta e dá vida.

Negros...

Libertos ou escravos, foram sempre os sustentadores do conforto que os brancos têm.

Negros...

Foram escravos, martyrisados, enxovalhados.

Mas, um dia, Deus, Deus que é bom, Deus que é grande, Deus que é justo e caridoso, pelas mãos régias de Nossa Senhora da Liberdade, que foi Izabel, tirou-lhes o soffrimento, libertando-os.

E como lembrança dessa liberdade, ficaram sorrindo para Deus, as gotas de sangue do negro escravizado, nos bagos vermelhos do café.

SAMPAIO JUNIOR

DA TERRA DA GAROA

Minha excellente amiga. — Já não é mais possivel supportar a carga d'agua vinda dos céos inclementes. Ha mezes que chove consecutivamente, incessantemente, diluvianamente. Em nós, intellectuaes melancolicos, um tempo assim chuvoso exerce uma influencia perturbadora. Quanto a mim, confesso-lhe, sinto-me invadido por uma tristeza immensa. Os dias cinzentos, muito molhados, convidam a meditações. Uma nostalgia embriagadora aguça a sensibilidade. Sente-se o mundo subjectivo muito mais intensamente. As recordações das passagens, más e boas, da vida — assaltam-nos a uma só vez. Pela mente passam, então, e repassam os quadros mais fortes do tempo que se foi. A gente se vê envelhecer, torturado pelos remorsos dos peccados, desses deliciosos peccados praticados por força do Destino invencivel. Adquire-se, minha confidente illustre, o senso dos proprios erros. A onda silenciosa de tristeza, que perturba, parece dissolver todas as energias do espirito. Só resiste á destruição a consciencia firme, a apontar as culpas que se não apagam para castigo dos sêres humanos que têm a desgraça de saber pensar. Por instantes acredita-se vencer o proprio temperamento, por momentos julga-se ganha a partida contra as tendencias dispersivas de um feitio amante de emoções novas e de aventuras passionaes em que o tragico e a doçura se misturam. Parece-nos retomar o dominio sobre nós mesmos. Tem-se a illusão de subjugar a serpente lendaria que corrompe. Renuncia-se a Satan e a todas as maravilhas do Amor. Despreza-se a Carne vencido pela voz soturna e assustadora da consciencia, sobrevivente unica do naufragio a que ninguem foge. A razão domina o coração. Entra-se na posse de si mesmo e uma tranquillidade confortadora reconduz a paz. Subito, volta-se á realidade e prosegue-se pela mesma estrada das tentações e dos encantos... E' a vida, a fatalidade, o destino, o determinismo — coisas synonimas que satisfazem á covardia dos fracos e justificam todas as loucuras da humanidade. O mundo é bem um valle de lagrimas. Minha querida amiga: "il pleut dans la ville comm'il pleut dans mon cœur". Console-me com o seu optimismo, reanime-me com a sua indulgencia á Rénan. Assegure-me o perdão dos deuses, que, lá das alturas, bem poderiam dirigir, com mais acerto, os nossos passos. Esses dias côr de cinza são horriveis... Trazem com elles um cortejo de pensamentos sinistros e o medo de viver divorciado das verdadeiras doutrinas de Epicuro. Beijo-lhe as mãos tolerantes, enternecidamente. — SALVADOR ROBERTO.

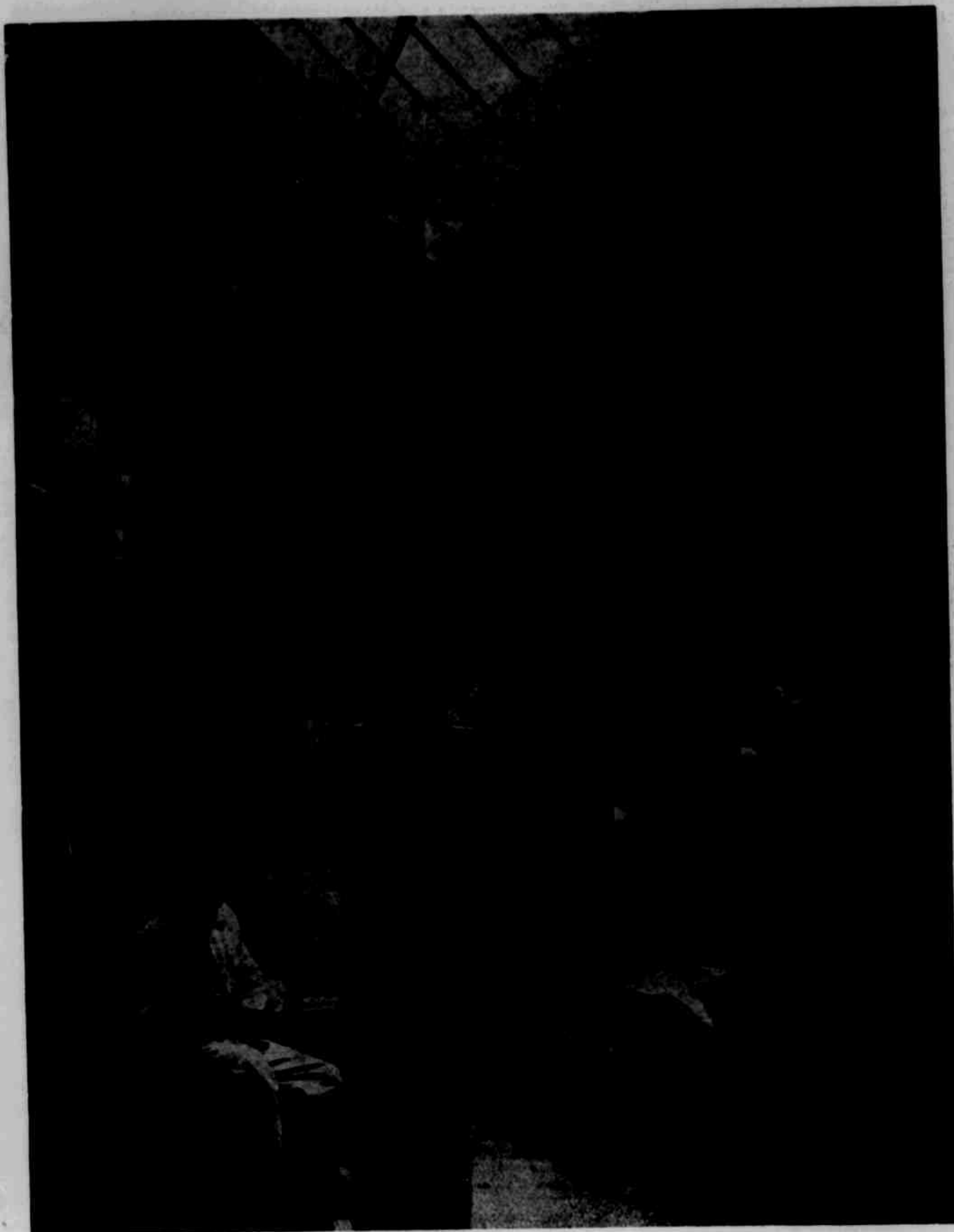
O FEMINISMO EM SÃO PAULO

O feminismo paulista soffreu, na ultima semana, um golpe capaz de arrefecer-lhe o enthusiasmo. Uma creatura adepta do modernismo profanisador arriscou-se a pedir ao juiz que a alistasse eleitora. O magistrado não tardou a se manifestar, contrariando a pretensão da requerente que, por signal, é formada em Direito. Negou-se pois, ao sexo fraco, em São Paulo, o direito ao voto. Ora ainda bem que assim succedeu. A Constituição desta feita foi interpretada como aconselhava o bom senso. A palavra "cidadão" não se estende ao outro sexo. Disse-o o juiz e com muita razão. O legislador constituinte teve a feliz idéa de deixar bem claro o seu pensamento. Elle não quiz desvirtuar a missão da mulher na terra. Eva nasceu para servir e para perturbar. Ella é simultaneamente um instrumento de tortura e de prazer. Não podemos viver com ella, mas tambem, não viveriamos sem ella. Nesse sentido as queixas ao Creador tem sido innumeras desde que Elle se lembrou de fazer o mundo eternamente a rolar-lhe aos pés omnipotentes. A mulher attingiu ao apogeu quando ella se tornou peccado. Desde então nós a queremos muito mais. Ella é a razão e a causa de todos os males que affligem a humanidade. A mulher-tentação, a mulher-peccado, a mulher-demonio, na belleza esplendida de suas fórmas, — é a que deu origem ao culto feminino. Atravez os seculos o homem é attrahido pelos perigos de Eva. Os ascetas tornaram-se santos graças ao prestigio de Venus perigosa. E evitando-as, fugindo ao contacto da carne, os santos deram mais força ainda ao diabo com fórmas humanas. A influencia da mulher bonita é tão grande no materialista como na alma mais devotada ao sacrificio. O mystico adora as santas, como o burguez estima as femeas, como o artista ama as suas fantasias... Só differem na maneira de exteriorisar o sentimento. Depois que Deus nos ameaçou com o seu mandamento "não desejar a mulher do proximo", nos nunca a cobiçamos tanto. Ella é invariavelmente melhor, porque é dos outros, porque é desconhecida... Quando entramos na sua intimidade é que vemos como ellas se assemelham todas. A mulher foi creada para servir á nossa fantasia. Um medico deve fatalmente amar menos que um poeta. Elle vê nos encantos, molestias. Emquanto o sonhador descobre originalidades de temperamento, o Esculapio observa phenomenos de hysteria. O christão enxerga milagres de estigmatisação, emquanto que a sciencia materialisa attribuindo á acção morbida de temperamento doentio os phenomenos mais singulares. A mulher parece ignorar que a sua força vem da sua inferioridade em face do homem. Sua gloria assenta justamente na desegualdade dos seus direitos na sociedade. E quer egualar-se ao homem, batendo-se pela victoria do feminismo que será no entanto a sua morte. Eva deixará de possuir os encantos caracteristicos no dia em que conquistar a emancipação. Sejamos contra o feminismo! — S. R.

O CARNAVAL EM SÃO PAULO

O triduo carnavalesco, aqui na terra da garoinha, não tem o mesmo esplendor do Rio. Não se zanguem nossos amigos paulistas, mas se affirmassemos o contrario, mentiriamos. E é feio mentir, ainda mesmo para ser gentil. No entanto, os bailes em homenagem a Momo nada deixam a desejar. De todos os que aqui se realizaram, o mais lindo, o mais "chic", o mais distincto foi o de segunda-feira, no Hotel Terminus. O que São Paulo possue de mais fino, de mais educado de mais rico compareceu á festa maravilhosa do Terminus. Excedeu em tudo aos demais. Os salões decorados em estylo futurista — ahi pelo anno 3000 — apresentavam-se magnificos. Havia muita luz, mas suavemente distribuida. As orchestras eram optimas e a ceia de primeira ordem. A gerencia organizou um serviço modelar. Dava prazer observar-se a maneira com que tudo era feito. E não houve exaggeros na lista de preços. As festas do Terminus tornam-se tradicionaes. Ellas ganham em esplendor o que outras perdem pela mesquinharia e falta de gosto de seus organizadores. Pena foi que o Terminus só tivesse promovido um baile para o Carnaval.

Sahida da missa em São Bento e a festa da arvore no Jardim da Luz.

De Bellas Artes

Antoine Bourdelle na sua officina, rodeado de grande quantidade de obras e auxiliares

DENTRO de pouco tempo teremos, no Lyceu de Artes e Officios, a mostra de Arte dos professores da grande escola do povo. Pela primeira vez vae se realizar a mostra. São expositores: Argemiro Cunha, Eurico Moreira Alves, Evencio Nunes, Carlos Oswaldo, Isaltino Barbosa, Ernesto Francisconi, pintores; Antonino Mattos, Modestino Kanto, Pau'o Mazzucchelli, Mor~ira Junior, esculptores; Adalberto Mattos, gravador e Antonino Raffin, architecto.

REALIZA-SE em Julho proximo a grande mostra de Arte de Rosario. Para as inscripções, acham-se á disposição dos nossos artistas, na Escola de Bellas Artes, as respectivas listas.

O artista Adalberto Mattos tem quasi concluidos os tumulos de Bethencourt da Silva e Edgard Werneck, destinados, respectivamente, aos cemiterios de São João Baptista e Jacarépaguá

A "Illustração" de Lisboa assim se refere á pintora patricia Otilia Lindenberg, actualmente naquella cidade:

"Encontra-se entre nós uma figura marcante da arte brasileira, a Sra. D. Otilia Lindenberg, antiga discipula do professor Jorge Elpons na sua escola de pintura de São Paulo. Tendo-se dedicado primeiro á pintura a oleo, expoz varias telas no Salão de Bellas Artes do Rio de Janeiro onde já obteve mensão honrosa.

Em 1921 foi viver para Munich, sendo discipula do famoso professor Begner de Latour durante alguns annos; passou então a dedicar-se exclusivamente á aquarella, fazendo a sua primeira exposição nesse genero de pintura em 1926 na Galeria Paulus de Munich, obtendo as mais lisonjeiras criticas. Em Dezembro do mesmo anno fez uma exposição em São Paulo, onde foi carinhosamente acolhida.

Begner de Latour pintava em Londres, onde viveu alguns annos antes da guerra, por isso transmittiu á discipula a technica dos aquarellistas inglezes.

D. Otilia Lindenberg é uma admiradora apaixonada da luz e da côr, por isso preferia á aquarella que melhor interpreta as côres delicadas e que melhor acerta nos paizes do sul em que tem pintado: Hespanha, Portugal, Egypto e Brasil.

A illustre pintora brasileira vae, dentro de muito breve, fazer em Lisboa uma exposição dos seus trabalhos, entre os quaes figuram varios aspectos dos nossos costumes e paysagens.

O mundo catholico está contente com o fim da Questão Romana. A Nunciatura no dia do anniversario da coroação de S. S. o Papa Pio XI abriu os salões do palacio de Botafogo ao corpo diplomatico e á sociedade do Rio.

Enlace Helena Morado — José Maria Salles.

Em baixo, á esquerda, amigos que almoçaram com o doutor Jayme de Vasconcellos, deputado por Matto Grosso, no dia do seu anniversario. A' direita, posse da nova directoria da Società de B. e M. S. Auxiliari della Stampa.

THEATRO

E' uma pergunta que de ha muito vem sendo feita: morrerá o theatro? O cinema com as suas extraordinarias possibilidades ameaçava sériamente a arte de que derivou, mas objectava-se que, com o seu caracter frio, sua expressão muda, nunca poderia ser considerado plenamente satisfactorio, pelo menos para certos espiritos, certas sensibilidades, difficeis de contentar. Muito embora a massa acceitasse, como tem acceitado, francamente o novo divertimento, talvez em desfavor do theatro, pensava eu tambem, que se tratava de duas artes irmãs, mas distinctas, e que teriam, sempre, os seus apologistas.

Com o advento do film sonóro, e do film falado, está o theatro, de novo, em cheque.

Já não é o caso de uma arte muda, os interpretes falam, ouvem-se os ruidos proprios da vida real, — acção e som perfeitamente synchronisados.

Não se assiste, é claro, a uma peça theatral, com os seus largos dialogos, e toda a discussão de uma these — cousa, aliás, a que o publico vem voltando as costas, — mas, tem-se a synthese dos dialogos e discussões, com a vantagem da reproducção de todos os rumores inherentes á acção filmada.

Não satisfará, ainda, aquella minoria difficil de contentar?

Quem o poderá dizer?

O que é certo é que o numero desses descontentes soffrerá novo rebate e talvez, restem tão poucos, por fim, que não constituam publico sufficiente para a manutenção do theatro, pelo menos, com caracter industrial. Será o luxo de algumas elites, nada mais.

Os artistas Birse e Teher-Kassky, do grupo de "Chauve-Souris" em costumes do tempo de Musset na fantasia "L'Escalier de la Vie", de Bernard Zimmer, musica de Georges Auric, no theatro Apollo, de Paris.

O grande obstaculo a um effeito immediato é a lingua. E' o proprio actor que fala, de modo que os films falados que são, no momento, a loucura dos Estados Unidos, manufacturam-se em inglez. Cogita-se da formação de elencos ibero-americanos para a producção de films em hespanhol, sendo certo que cada lingua exige elenco especial.

Assim, a producção encarecer-se-á sobremaneira, ao mesmo tempo que o publico respectivo se restringe. Perde, portanto, o film o caracter de universalidade que tinha, e que o tornara victorioso desde o primeiro instante.

De qualquer fórma, porém, o film falado ou o sonóro abre novas perspectivas ao cinema, em prejuizo do theatro, que já atravessa, ha muito, uma crise grave, cujas causas são obscuras, difficeis de fixar.

Na verdade, problemas dessa natureza só o tempo resolve. Dahi a inanidade das prophecias.

MARIO NUNES

JAYME COSTA associou-se a Luiz de Barros para o lançamento de um novo genero de espectaculo.

ODUVALDO VIANNA, depois de uma rapida temporada em Nictheroy, vae descansar numa estação de aguas e em seguida reorganisará a sua companhia com repertorio differente e scenarios differentes.

Estreará em junho no Theatro Pedro II que está sendo concluido em São Paulo.

O PHENIX, dirigido pelo senhor Vicente Giocoli, vae dar "Maya", de Gantillon. O intelligente empresario já tem a peça traduzida e a montagem della. Mas ainda não encontrou os intérpretes.

ALICE SPLETZER, que foi bailarina da Companhia Ra-Ta-Plan, está em New York. E de New York nos mandou "muitas lembranças" num cartão postal.

Alexandrova e Tarassova de "La Chauve-Souris"

Quadro de "L'Escalier de la Vie", com Debolskaya e Foutine.

Uma scena

VOLPONE, DE BEN JOHNSON, TRADUCÇÃO DE STEFAN ZWEIG, ADAPTAÇÃO DE JULES ROMAINS, NO :: :: ATELIER DE PARIS :: ::

Dullin no papel de Volpone

Outra scena com Génica Athanasiou e Dullin.

Seroff no papel de Corbacio

PARECE que a Escola Dramatica Municipal vae emfim ter bôa séde. A Prefeitura entregará a Coelho Netto um dos andares do edificio da Esplanada do Passeio Publico onde agora está o Casino Beira-Mar. Tudo depende do desmancho de contracto com os actuaes empresarios senhores Viggiani e Laport. O outro andar provavelmente será aproveitado para uma bibliotheca theatral e sala de conferencias.

JOSEPHINE BAKER vem no inverno para o Palacio.

A companhia popular de operas estréa a 1 de Março, no Lyrico.

O sentimentalismo através das tatuagens

A Estrella d'Alva, symbolo da manhã, que os marinheiros norte-americanos idolatram.

Ouvindo pisadas fortes no comprido e empoeirado corredor da delegacia, o commissario interrompeu rapidamente a narrativa de suas aventuras de trinta annos de vida policial, que, cheia de exaggeros e fantasias, era feita a algumas pessoas estranhas á policia.

Interrompeu a narrativa, endireitou-se na cadeira e esperou...

Na sala, dividida ao centro por uma grade de madeira, muito ensebada, entraram um homem de uns quarenta annos de idade e uma mulata de carnes abundantes, acompanhados de dois soldados de policia.

Emquanto esperava que as praças falassem, o commissario, parecendo querer mostrar aos estranhos possuir a penetrante argucia do fantastico Sherlock Holmes, friamente engendrado por Conan Doyle, observava em silencio os dois presos.

— Prompto !

— Que foi ?

— Prendemos em flagrante...

— Attentado á moral...

— Não é isso, seu commissario.

— Que foi então ?

— Este homem estava marcando aquella mulher...

O rapido e curioso dialogo entre o soldado e o commissario, tinha realmente algo de enigmatico.

— Que historia é essa, rapariga ?

A mulata, medrosa, não respondeu.

O commissario insistiu:

— Você não fala ?...

Fé, Esperança e Caridade, tatuagem de um marinheiro inglez.

— Vou explicar tudo, seu commissario...

— Então, explique-se.

— Foi eu quem pediu a este homem para assignalar no meu braço esquerdo, que é o do coração, o profundo amor que dedico ao meu rapaz.

— Como ?

— O senhor vae ver.

Vagarosamente a mulata retirou dos hombros um chale azul, mostrando então os braços grossos, cheios de ondulações, tatuados de cima a baixo.

Nelles estavam registrados, em signaes convencionaes e extravagantes, em letras mal desenhadas, todos os seus amores ephemeros.

E' provavel que os grosseiros riscos de tinta azul entranhada na epiderme, tivessem por fim despertar o sentimento de ciume ao amante mais moderno.

A mulher julga-se amada pelo homem que tem ciume della, mesmo que o ciume lhe venha causar futuramente alguns desgostos.

Em tatuagens horrivelmente desenhadas á ponta de agulha e tinta, viam-se nos braços da mulata corações atravessados por punhaes, estrellas ornadas de ramos, iniciaes com arabescos e symbolos exquisitos, assignalando episodios de amores transitorios que não deixaram de ter mais ou menos as suas consequencias tragicas.

A mais recente das tatuagens, a que estava sendo executada na occasião da prisão, ainda sangrava.

Dizia:

"Amor sincero ao meu Peixeirinho".

Machinalmente o commissario abriu um pequeno estojo que um dos soldados havia collocado em cima da mesa, encontrando dentro do mesmo varias agulhas de aço e tabletes de tinta carmin, azul e preta, as quaes eram applicadas pelo tatuador.

— Então, você é marcador de mulheres ?...

— São ellas que me procuram, seu commissario.

— Mas você não deve fazer isso.

Depois de ligeira hesitação o homem falou:

— Ellas me pagam e eu preciso...

A "Carta da Gaivóta", tatuagem de um marinheiro sueco que muito amou.

— Não é motivo para você marcar mulheres como quem marca animaes.

O obscuro desenhista da epiderme humana, ainda depois de pequeno silencio, falou novamente:

— Tenho tatuado mais de quinhentas pessoas, homens e mulheres, e nunca fui incommodado pelas autoridades. Julgo mesmo que isso não seja crime. Já tatuei um official da Policia Militar, que me pagou cincoenta mil réis por tres iniciaes.

— Ha quanto tempo você se dedica a esse barbaro meio de vida ?

— Cerca de vinte annos.

— Aposto que aprendeu a tatuar emquanto esteve cumprindo sentença...

— Não, senhor. Aprendi em Belem do Pará, a bordo de uma barca norueguesa, que lá arribou com sérias avarias. Comecei tatuando alguns collegas marinheiros como eu, passando mais tarde a attender a todos que me procuravam. Fiquei conhecido e percorri quasi todos os Estados do Norte. No Recife e na Bahia foi onde me demorei mais tempo.

O commissario, evidentemente seduzido pela curiosidade, continuava a fazer perguntas.

Queria saber tudo.

— Mas a operação não é dolorosa ?

— Muito pouco, mas diz o ditado o que é de gosto regala a vida.

— Qual é o seu nome ?

— José Silva, mas toda a gente me

A imagem d'Ella e o coração d'Elle, tatuagem de um criminoso.

● ● ● ● ● ● ● ● ●

conhece pelo alcunha de "Juca Marinheiro".

O commissario mandou que os policiaes fossem para o seu posto.

— Naturalmente você conhece todos os symbolos que desenha a ponta de agu'ha.

"Juca Marinheiro", inteiramente tranquillo, fez curiosas revelações sobre o sentimentalismo das mu'heres transviadas e dos maritimos, visto através das suas tatuagens.

As transviadas são voluveis, todos os seus amores não passam de simples caprichos, que não têm nada de duradouros.

Os maritimos, porém, são mais sinceros.

A estrella azul bordada a carmin, que os marinheiros norte - americanos usam, é a figura symbolica que todos os homens rudes dos Estados Unidos, do Atlantico ao Pacifico e do Canadá ás fronteiras do Mexico, adoram profundamente — é a Estrella d'Alva.

Os braços dos marinheiros gregos pódem ser considerados verdadeiros almanachs, onde todos os episodios da sua vida, desde o mais importante ao mais insignificante, estão registrados em caprichosas tatuagens, que elles zelam com grande amor e carinho.

Raro é o maritimo que resiste á tentação de se fazer tatuar, marcando no braço o que mais preoccupa o seu espirito, emquanto o barco em que navega sulca os mares, ora de uma serenidade encantadora, ora tomado de uma furia que apavora.

A gaivóta e a carta são symbo'os dos marinheiros succos, que deixam em sua patria a mulher amada, entregando-se á aventura attribulada de correr mundo.

A gaivóta representa a portadora de seus sentimentos e a carta, a mensagem de amor enviada de além mar.

A BURGUEZINHA — Di Cavalcanti

Os criminosos, como os maritimos e as mulheres transviadas, tambem se fazem marcar á ponta de agu'ha e tinta azul e carmin.

Affirmou ainda "Juca Marinheiro":

— Conheci um que dias antes de sahir do presidio, onde cumpriu sentença, por ter barbaramente assassinado um seu rival, se fez tatuar pelo companheiro de cubicu'o, marcando o triste e tragico episodio da sua vida— A imagem della e o coração delle a soffrer—foi essa a interpretação que deu ás figuras que ficaram para sempre gravadas, no braço.

Quando o commissario mandou o tatuador embora, juntamente com a mulata de carnes abundantes, ficamos a pensar nos grandes criminalistas, que se occupando das tatuagens, affirmaram que nas Indias, no seculo XIV, a impotencia do individuo se distinguia pelos desenhos que apresentava na epiderme, quanto mais extravagantes e mais numerosos, maior era a sua posição social.

As tatuagens eram executadas nos braços, nas pernas, nas costas, no peito e até no rosto.

Actualmente, os povos selvagens, varios povos asiaticos e africanos, as mulheres transviadas dos paizes semi-civilisados, os maritimos e os criminosos empregam a tatuagem, fazendo marcar nos braços, no peito e em outras partes do corpo, a pontas agudas de aço a tintas especiaes, symbolos representando a religião que professam, sentimentos pela patria e inscripções diversas, occupando porém o primeiro logar o amor, provavelmente por vaidade excessiva.

Quando a'gum tatuado tentar fazer desapparecer o extravagante desenho, cuja operação é demasiadamente dolorosa, fica a cicatriz horrivel, permanecendo, assim, na lembrança, os episodios da vida que haviam sido gravados

JOSÉ GIANGIARULO

De Elegancia

Luzes ? Em profusão. Reflexos verdes, azues, vermelhos, amarellos. Esperança, ciume, raiva e desespero. E eu as vi, todas cinco, no "hall" onde o "flirt" se desenvolvia entre samambaias, confettis, serpentinas, e o cheiro de ether perfumado a violeta, a rosa, a heliotropo. Todas loiras. Espantei-me. Cinco mulheres de cabellos de oiro e tez de neve, ali, no mais elegante dos ambientes, e, portanto, no em que se exhibia a elegancia, que é, hoje, não só a das roupas como a da tez "curtida". Vinha eu de atravessar os grandes salões repletos de gente bonita — e feia ? — de fantasias, de roupas riquissimas, de luxo asiatico. Esplendor dos esplendores. Moços e velhos, moças... só moças. As mulheres não envelhecem. Alegria. Gargalhadas. Dansas. Ciumeiras. Namoros que morriam e outros que nasciam. Ceia delicada. Bebidas... Que foi mesmo o que eu bebi ? A memoria não me ajuda, porque o que guardei na visão interior foi a visão de cinco loiras estonteantes. A primeira vestia musselina "pailletée" côr de pecego maduro, fôrro de renda dourada. As janellas do "hall" muito abertas deixavam entrar o ar fresco da madrugada. Foi por isso que eu a vi aconchegar-se a custoso capote de pelles verdadeiras. Quanto valeria ? Era rica, por certo. A outra tambem tinha sobre as espaduas uma capa de tafetá verde jade, gola toda de rosas de prata. O vestido de tafetá verde, uma penca de rosas á cinta e pulseiras de esmeralda, muitas, no braço direito. Uma esmeralda principesca no annel... Seriam pedras de verdade ? Uma fortuna em sêr tão fragil... De tulle preto, saia muito rodada, casaco ajustado ao corpo, á cintura e á volta do decote trança dourada, e, nas costas, grinalda de crysanthemos amarellos. A terceira, encantadora, manejava enorme leque de plumas. Nem uma joia. Em compensação a quarta trazia vestido bordado a perolas, perolas ao pescoço, á cabeça, nos braços, nos dedos, nas pernas. A ultima, de branco marfim. Crêpe setim flexivel adaptava-se-lhe ao corpo esguio, um "pouf" rematando a saia, na cinta, atraz, e um "renard" branco enrolado ao pescoço dava realce á physionomia doce, onde brilhavam dois olhos azues, e a bocca fina, vermelha, entreabria-se para mostrar duas fileiras de dentes brancos e meudos. Admirei-as, assim, minutos a fio. Todas !... O "brou-ha-ha", lá dentro, era ensurdecedor. Apitos, gaitas, gritos, cantigas; o "jazz" e o estouro das garrafas de champagne. Tambem os de cá bebiam. Bebiam sem cessar. Os companheiros das minhas bellas, correctamente vestidos de

branco. Ellas sorriam, e falavam, e bebiam... Nem deram por mim ! Por quê ? Cheguei-me ao espelho, no fundo. O espelho transmittiu-me a cara suada, escorrendo tinta, a roupa de palhaço rasgada nos cotovelos. Com o movimento, os guizos tiniram. Foi, então, que ellas me olharam. Olhou-me todo o bando. E estrondou formidavel riso que ainda me zôa nos ouvidos. Procurei uma attitude que me rehabilitasse. Empertiguei-me, passei a passadas seguras por perto da mesa em que eu era objecto de troça, e sentei-me noutra, adiante. Um palhaço solemne, desdenhoso. Pedi ceia. Pedi champagne, muita, meia duzia de garrafas. Da secca. — Era da que elles consumiam. — Continuaram a rir. E eu firme. Até que se me foi turbando um pouco a memoria das cousas. Decidi sahir. Não, que me não haviam de vêr o andar tropego. Riram mais forte. Alguns mascarados, muita gente acudiu. Ah ! o côro monstruoso ! Trouxeram-me á porta. Gaitas, guinchos, bisnagadas... Uff ! a rua. Finalmente. Continuei, caminhei... Entrei numa taverna. Deram-me cachaça... Mas onde estou agora ? Tão claro, já ? Um sino, ao longe... Ahi vem o guarda. Faço continencia, mas as pernas pesam demais. E a casa é tão longe... Quero dormir... Por que toca o sino ? Olá ! "seu" guarda, por que a igreja está fazendo barulho ? E' quarta-feira de cinzas ? Virgem ! O quê ? Não posso andar. Moro longe, no Andarahy... Se você me arranjasse um cantinho... Cinco mulheres, guarda. Cinco ! Que bonitas. Todas... Já vou, já vou. Ajude-me. Empreste-me o braço... assim... Olhe, leve-me para o xadrez. E' mais perto. Não é lá muito decente. Mas eu não escóro a lezeira. E nem um vintem para o taxi ! Vamos. Você me deixará dormir muito ? Toque. Você é um colosso, é da Fuzarca !... Viva !...

●

Figuram nesta pagina alguns modelos de penteados de A. FADIGAS.

S O R C I È R E

PARA EXTIRPAR AS RAIZES DOS PELLOS

As senhoras que se contrariam com o crescimento de pellos superfluos, devem saber que existe um meio que permitte obter o seu definitivo desapparecimento matando-lhes as raizes. Para se conseguir este resultado basta applicar porlac puro pulverizado ás partes onde surjam tão incommodos hospedes. Recommenda-se muito especialmente este tratamento, porque elle força o instantaneo desapparecimento dos pellos e, além disto, ao extirpar as raizes dos ditos pellos, faz com que estes não reappareçam. Uma onça de porlac, que póde ser adquirida em qualquer pharmacia, é sufficiente para o tratamento.

RUINAS DE BOALBEK

PORTO DE MALTA COM A SUA DEFEZA...

Miniatura da capa do "O Malho"

O SANGUE PURO É A BASE DA SAUDE!
Defendamo-nos da Syphilis e
do seu cortejo macabro:
Do Rheumatismo que inutiliza o
homem tornando-o um aleijado;
Do Arthritismo sempre devastador
em todas as suas manifestações;
Das Feridas chronicas, das Ulceras
e das Chagas sempre nojentas.
Defendamo-nos,
depurando convenientemente o sangue!
TAYUYÁ
DE SÃO JOÃO DA BARRA
depura e tonifica o sangue sem dieta e sem resguardo.
MÃO SANGUE · MÁ SAUDE
LABORATORIO OLIVEIRA JUNIOR
KOHOUT.
RIO DE JANEIRO. R. 2 de DEZEMBRO 78

A Religião dos Aztecas

PELO DR. JOHN W. GROETZ

OS Aztecas acreditavam na existencia de um creador e senhor do Universo, invocado nas orações delles como "o deus pelo qual vivemos", "o omnipotente que conhece todos os pensamentos", "sem o qual o homem não é nada", "o invisivel, unico deus da perfeita perfeição e pureza", "aquelle debaixo de cujas azas achamos a paz e segura protecção". Mas a idéa da unidade de um sêr, cuja acção é a propria vontade e que não precisa de auxiliares na satisfação dos seus desejos — esta idéa era demasiadamente simples, ou antes, sublime de mais para a comprehensão de tão primitiva raça. Procuravam, portanto, outras divindades que regessem os elementos, as estações, etc., e sob cuja protecção se encontrassem as differentes occupações dos homens. Entre estas divindade havia 13 deuses principaes e mais de 200 de categoria inferior, sendo a cada qual consagrado certo dia do anno.

O primeiro logar occupava-o o terrivel Huitzilopochtli ou Mexitli, o Marte mexicano. (Dahi o nome do paiz: Mexico). Era o deus protector da nação. Sua imagem, uma careta fantastica, crivada de preciosos adornos, erguia-se em toda parte, geralmente em pedestal de granito preto. Vemol-o tambem sentado numa bola azul, que representa o céo, e de cujos quadrantes saem quatro serpentes, symbolos da vida. Cobre sua cabeça um passaro de formosas pennas, com crista e bico de ouro. O rosto de uma severidade horrivel, tem a testa e o nariz pintados de azul tambem, como para indicar melhor seu caracter de deus celeste. Seu irmão e companheiro era Tlacahuepancoexcotzin, representado sob fórma inteiramente igual, identico a elle, com uniforme vontade, tendo um departamento igual ao seu no mesmo templo, acudindo-se a ambos com uma só victima e prece. Seus templos eram os mais majestosos e magnificos entre todos os edificios publicos; seus altares estavam sempre ensanguentados por sacrificios humanos.

A influencia de tão horroroso culto teve forçosamente as consequencias mais funestas no que diz respeito ao caracter do povo. Os Hespanhóes, não menos fanaticos (vide Inquisição), contam-nos que, durante uma festa do deus da guerra, os Mexicanos cozeram uma grande estatua, representando este idolo, feita de farinha de milho, legumes, frutas e o sangue de creanças degolladas, tendo em seguida um sacerdote atravessado com uma setta o coração da massa, exclamando: "E' morto o deus". Distribuiram então o prato — carne de Huitzilopochtli — entre os devotos que o comeram com signaes da maior humildade. O coração, porém, foi dado ao rei. Quando os conquistadores, que sabidamente não eram muito melindrosos, viram com os proprios olhos esta abominavel cerimonia, espantaram-se de tal maneira (por causa da semelhança com o sacerdote da communhão — na qual tambem queriam comer, sob a fórma de pão, o corpo e sangue do fundador da religião) que recuaram horrorisados, chamando o deus da guerra mexicano de "macaco de nosso Salvador".

Uma personalidade das mais interessantes da mythologia mexicana era Quetzalcoatl (serpente alada), o deus do ar, genio que durante a sua estadia na terra instruira os indigenas no uso dos metaes, na agricultura e sociologia. Foi provavelmente um dos primeiros bemfeitores de seu povo, sendo collocado pela grata posteridade no olympo mexicano. Durante sua permanencia entre os mortaes, a terra produzia sem cultivo frutos e flores. Uma espiga de trigo era tão grande e pesada que um homem mal a podia levantar; o algodão tingia-se por si mesmo das cores mais lindas; o ar, embalsamado de perfumes, enchia-se dos doces canticos dos passaros: em uma palavra, sob elle Anahuac fruia a sua idade de ouro. Por causas ignoradas Quetzalcoatl attrahiu a ira de um deus superior. Segundo Humboldt (*Vues des Cordillères*), recebeu deste uma bebida que lhe despertou irresistivel desejo de viajar, abandonando assim o ditoso valle em que vivia (Abbé Brassé opina ter elle fugido do seu adversario, o grande rei Huémac).

Na partida demorou-se em Cholula, onde havia um templo seu, cujas colossaes ruinas formam uma das mais interessantes antiguidades do Mexico. Quando o amigo dos homens chegou á costa do Golfo, despediu-se dos companheiros, promettendo-lhes que elle e seus descendenes reappareceriam um dia entre sua prole. Tendo entrado numa não encantada, de pelle de serpente, fez-se a vela para o paiz lendario de Tlapallan.

E' um facto assás curioso que os deuses anthropomorphicos de quasi todas as religiões tenham sido dados á luz por mães-virgens.

No dizer do historiador Mendieta, na sua "Historia Ecclesiastica Indiana", estando Chimalman occupada em varrer, enguliu uma pedra de jade e encontrou-se logo gravida de um filho, Quetzalcoatl. Mas, segundo outra fonte, que não faz mais do que completar esta narrativa, eis como as coisas se teriam passado: o deus Citbaltonac, "Estrella Brilhante", enviou do céo um mensageiro á virgem Chimalman para lhe communicar que queria que ella concebesse de um modo absolutamente milagroso. As duas irmãs de Chimalman morreram de terror, á vista do enviado celeste. Quanto a Chimalman, gerou Quetzalcoatl, adorado depois como deus do ar.

Quetzalcoatl era alto, mais claro que seus patricios, de cabellos escuros e barba muito comprida. Os mexicanos esperavam anciosamente a volta do bemfeitor, tido por chronistas hespanhóes pelo apostolo Thomaz. Este mytho parece ser moderno e pessoal, fundado sobre outro primitivo. Julgamos que o islandez Gjorn Abramson tenha representado um papel de semi-deus entre os antepassados dos toltecas, quando viviam no paiz das aguas, isto é: onde estão os grandes lagos do Canadá. Neste culto, anterior aos aztecas e, portanto, tolteca, não se sacrificavam sêres humanos. Seus adeptos condemnavam o ascetismo dos sacerdotes.

Personificava-se o antagonismo dualista da natureza em Teotl ou Tezcatlipoca, o deus do bem, e Tlecatecolotte, o genio do mal. Tezcatlipoca era o creador, a alma do mundo, o retribuidor que castigava ou premiava por meio da transmigração. Representavam-no como um homem bello e sempre joven. Um anno antes de sua festa, elegia-se um prisioneiro immaculado, distinguido pelo seu bello physico, para elle representar esta divindade, sendo em seguida instruido no papel a desempenhar. Chamavam-lhe "senhor alvo do céo", vestiam-no elegantemente, cercavam-no dos perfumes mais agradaveis e offereciam-lhe um sem numero de bellas e flagrantes flores. Nos passeios, o representante da "alma do mundo" ia acompanhado de uma procissão de escravos reaes, e onde quer que passasse na rua, ajoelhava-se o povo diante delle, prestando-lhe as honras devidas á divindade representada por elle. Quatro lindissimas mocinhas estavam ás suas ordens e com ellas passava a vida em

dolce far niente e luxo, até a hora da morte.

Chegava finalmente o dia fatal. Tocava ao seu fim a ephemera gloria. O pseudo deus era despido dos enfeites e tinha de se despedir das bellas companheiras. Um servo real levava-o, através do lago, a um templo, nas immediações da cidade. Para ahi affluiam os habitantes, afim de presenciarem a terrivel cerimonia, que principalmente consistia em ser arrancado o coração da pobre victima, depositando-o logo aos pés da imagem, emquanto a devota multidão se ajoelhava em silenciosa adoração. Entregava-se o cadaver ao vencedor que o aprisionára. Este fazia cozinhar o massacrado e o offerecia aos amigos, num banquete, depois de terem todos comido e bebido opiparamente. Quiçá, nunca o extravagante luxo e os refinados costumes estiveram em correspondencia tão intima com o gráo infimo de horripilante barbaria.

A idéa fundamental do cannibalismo religioso é o desejo de entrar em communhão intima com a divindade, sendo commensal della. O sacramento da communhão com Deus, por meio da participação no banquete mystico, consiste no sacrificio ora de bebidas, ora de productos agricolas, ora de animaes, ora de homens ou suppostos deuses, e é a propriedade commum da maioria das religiões.

O deus da chuva, cuja imagem estava sentada numa pedra quadrada, pintada de azul e verde, erguendo um sceptro, era o terrivel Tlaloc, o qual exigia em certas occasiões, especialmente nas grandes seccas, o sacrificio de recem-nascidos. Quando levavam estas pobres creaturas pelas ruas, em liteiras abertas, cobertas de flores, deviam commover-se até os corações mais endurecidos. Mas seus gritos agonisantes perdiam-se no barulho das desenfreadas canções do sacerdocio. Geralmente compravam-se estas victimas a paes pobres, que apagavam a voz da natureza impellidos antes por funesta superstição do que pela necessidade.

Uma divindade mais sympathica era sua esposa, a deusa da agua e do baptismo, pois, além de Quetzalcoatl, era a unica a que não se sacrificavam sêres humanos. Chamava-se Chalchihuitlecue ou Cioacatl e era invocada como como "Nossa Senhora da Misericordia". Provavelmente identica com a deusa aquatica é Cihuacoatl, a deusa do nascimento. Quando se baptisava uma creança, aspergiam-se-lhe os labios e o peito com agua e supplicava-se á divindade que "permitisse á agua benta lavar o peccado innato, contrahido antes da creação do mundo para que regenerasse". Depois fingia-se tirar o novo cidadão da terra por uma chamma, como signal de purificação.

O esculapio dos Aztecas era Ixtliton (o pardo).

Mixtlan (paiz meridional) era o deus do inferno, rodeado dos Tzetzimiltles, ou demonios.

Xipe (o calvo) era o deus dos ourives; Mixcoatl (serpente da nuvem), o espirito da tromba dagua; Yacatecutli (senhor guia), o mensageiro dos deuses; Omacatle (junco duplo), o espirito da pandega; Mictecacihuatl, a deusa da morte. Coatricue, Iztacihuatl ou Coatlantona, a deusa da bebida nacional, do pulque, a mãe de Huitzilopochtli (de modo que a embriaguez engendra a guerra).

O deus do fogo era Xintecutli (senhor do fogo) ou Ixcozauqui, tambem appellidado Huehueteotl (deus velho). E' provavelmente, identico com o deus Chac Moal do Yucatán. Sabe-se que uma das cerimonias do culto a Chac Moal era o sacrificio de uma virgem, á qual arrancavam a pelle ainda em vida, para revestir com ella o grão sacerdote.

Tlazolteotl ou Ilhuicatitlan era a Venus mexicana. Nonahnatl, a deusa duma doença muito contagiosa Ometecutli (o senhor) e Omecihuatl (a senhora) eram as divindades da reproducção e fertilidade. Centeotl (maçaroca) era a deusa da terra e da primavera, e Xilomen, sua filha, a deusa da colheita. Além destas divindades havia muitas outras, que por falta de espaço não citarei.

Das divindades de categoria inferior — penates ou deuses domesticos, correspondentes aos Santos da Igreja — viam-se pequenas imagens até na cafúa mais pobre, havendo santuarios para a recepção de taes deuses domesticos. Chamavam-se Tepitoton.

O sol chamava-se Tonotin e a lua Meztli, ambos heróes deificados. No que diz respeito á cosmogonia azteca, vamos contar a seguinte interessante lenda: O primeiro cyclo mundial, a idade da agua, terminou com uma inundação que destruiu tudo. Sómente alguns homens salvaram-se por meio de um navio, do qual desembarcaram no monte Coalhuacan. Elles se tornaram os antepassados do genero humano no segundo cyclo mundial, o qual era a idade da terra; esta durou 5206 annos, acabando com um terrivel terremoto.

Seguiu-se a idade do ar, que finalizou com uma tempestade, abalando o mundo inteiro. Começou a idade do fogo. Já não havendo nem sol nem lua, reuniram-se em conselho, ao redor dum grande fogo, os heróes divinos, dizendo aos homens da sua companhia: "O primeiro de vós que se arrojar ás chammas, será Sol". Instantaneamente, o valente Manahuatzin pulou dentro do fogo; sua alma migrou para o tartaro; a leste, porém, appareceu o sol novo. Depois sacrificou-se Tezcoziztecal — e eis! ao anoitecer a nova lua esclarecia a terra com seus meigos raios. Neste cyclo, que durará 5206 annos e perecerá pelo fogo, vive a presente geração.

Do além-tumulo, os aztecas tinham concepções assás curiosas. Dividiam o tempo, como já vimos, em quatro periodos, sendo no fim do ultimo anniquilado o genero humano pelo fogo, e extinguido o sol durante certo tempo. Acreditavam em tres degráos differentes na vida posterior. Os malvados, a grande maioria, expiavam os seus peccados num logar de eterna escuridão. Outra categoria levava uma existencia de sombra. O logar supremo pertencia aos heróes mortos na batalha ou como victimas no altar. Estavam sem preambulos no reino solar, sendo conduzidos entre canções e dansas pelo céo dos bemaventurados. Após alguns annos, os seus espiritos tinham direito a viver nas nuvens, para então transmigarem em passaros de magnifica plumagem e pairarem no ether do paraiso, por entre bellas e fragrantes flores.

Os antigos mexicanos gostavam muito das flores, tendo até um deus das flores, chamado Agate Xochipilli. Seja dito entre parentheses que os seus descendentes herdaram este gosto.

Depois da morte de uma pessoa, trajava-se o cadaver com o vestido da sua divindade tutelar e espalhavam-se em cima delle pedacinhos de folha, que deveriam servir de talisman contra os perigos da estrada escura pela qual havia de viajar o fallecido. Se fôra rico, immolava-se um punhado de escravos como sacrificio funebre. Então queimava-se o corpo do morto e conservavam-se as cinzas dentro dum vaso, num aposento da casa.

Da moral christã lembra-nos mais de uma oração mexicana. "Quereis nos

destruir para sempre? oh! senhor!", resa uma dellas. "Este castigo não nos servirá de regeneração em vez de destruição?" "Dae-nos, por vossa grande misericordia, as dadivas que pedimos, não sendo nós dignos de as receber por nosso proprio merito". Outra doutrina sua diz: "Vivei em paz como todo o mundo; supportaes as injustiças humildemente. Deus, que tudo vê, vingar-nos-á".

A influencia dos sacerdotes, appellidados Papa, era quasi illimitada. Consideravam-se como entes superiores e possuidores da chave do porvir. Tratavam-nos em toda parte com o maior respeito. O tratamento usual consistia numa palavra polysynthetica, que para nós é um verdadeiro quebra-queixo. Eil-a: *Notlazomahuitzteopixcatzin*, ou seja: Reverendo sacerdote de Deus que amo como meu pae. O monarcha mesmo prezava a honra de ter licença para prestar serviços no templo, como Montezuma II, que até limpava as escadas do grande templo. A meudo os soberanos mexicanos consultavam o clero em assumptos politicos. Toda a nação, desde o mais humilde operario até o poderoso chefe de Estado, curvava-se sob o jugo de um cégo fanatismo religioso, sabendo o sacerdocio exploral-o em seu interesse. A' frente do clero estavam dois Summos Pontifices, um dos quaes tinha o titulo de Mexicatl Teohuatzin, isto é: Chefe do Culto Mexicano. O numero dos sacerdotes era muito avultado, havendo cinco mil nos serviços dos templos da capital.

Cada divindade tinha templos e padres especiaes, sendo a estes licito casarem-se e constituirem familia. Tres vezes por dia e uma vez á noite eram chamados á oração; frequentemente fustigavam o corpo com os espinhos do áloes, esperando que ganhariam o céo com tão maior certeza quanto mais faziam da terra um inferno.

Existia tambem o sacramento da confissão, cujo segredo lhes era inviolavel. O missionario P. Sahagin conservou-nos o seguinte fragmento da exhortação dum sacerdote a um penitente: "Irmão, tens-me tu occultado talvez algum desses peccados tão graves, horriveis e vergonhosos, que o céo, a terra e o inferno sabem já, e que infestam o mundo de um extremo ao outro?" "Tens-te apresentado ao nosso clementissimo senhor, protector de todos os sêres, a quem offendeste, cuja colera provocaste e que amanhã te tirará deste mundo e te mandará para o inferno?" "Em conclusão, digo-te que limpes as immundicies e o muladar de tua casa, que te purifiques, e dês uma festa aos sacerdotes, para elles cantarem louvores ao senhor. Farás tambem penitencia, trabalhando um anno ou mais tempo na casa do senhor".

Da educação das creanças aztecas conta-nos Alexandre von Humboldt: "Na tenra idade de cinco annos, o menino carrega fardos leves e a menina olha para a mãe tecedora; aos seis annos, ella mesma tece e recebe, como o menino, um bolo e meio á refeição. Aos oitos annos mostram instrumentos de punição ás creanças, quando estas forem desobedientes ou vadias. Aos dez annos castigam-nas picando-as com os aguilhões da ágave ou expondo-as á fumaça da pimenta queimada. Aos treze ou quatorze annos as creanças de ambos os sexos tomam parte nos trabalhos dos paes; remam, pescam, cosem e fabricam fazendas. Aos quinze, os rapazes podem escolher uma profissão. As raparigas sóem então casar-se".

E. W. Prescott escreve: "Um dever principal dos sacerdotes era a educação, na qual se empenhavam assiduamente. Em certos edificios congregavam-se as creanças para se intruirem. As meninas estavam aos cuidados das sacerdotisas, as quaes tinham a faculdade de executar todas as cerimonias religiosas, menos a de sacrificar. Os meninos educavam-se claustralmente. Enfeitavam com flores as imagens dos deuses, nutriam o fogo sagrado e tomavam parte nas festas e canções espirituaes. Só uma categoria mais elevada dos educandos iniciava-se nos mysterios hieroglyphicos, como tambem em algumas ramificações da astrologia e das sciencias naturaes. As meninas aprendiam varios trabalhos proprios do sexo, sobretudo tecer e bordar preciosos ornamentos para frontaes de altares. Fazia-se questão de que os discipulos guardassem sempre o decoro. Mas a base e tambem o fruto da educação não era o amor, mas sim o medo. Na idade casadoura despediam-se os novos sacerdotes entre grandes cerimonias".

Possuia o paiz uma multidão de templos ou casas de deuses, *Teocalli* na lingua nahuatl (pois é esta que é a lingua dos Aztecas). Em todos os logares de importancia encontravam-se algumas centenas, entre elles indubitavelmente edificios de máo aspecto. Nas

capitaes, porém, erguiam-se construcções, cujas proporções gigantescas causavam a admiração dos proprios conquistadores do imperio azteca. Os alicerces do Teocalli de Cuernaraca, por exemplo, occupam o espaço de uma cidade de 20.000 habitantes, e tendo a rocha em que esta magnifica cidade de templos estava edificada a altura da cathedral de Strasburgo, podeis imaginar a impressão que causa tão colossal construcção.

O material desses Teocalli consistia em barro e pedras. Tinham a fórma de pyramides, e em regra geral compunham-se de 4 ou 5 andares, aos quaes davam accesso escadas de caracol, de modo que era preciso rodear o templo tres ou quatro vezes antes de chegar ao cume. No alto erguia-se uma torre de 40 a 50 pés de altura, o receptaculo dos idolos. Diante delle, o santuario propriamente dito estava a terrivel pedra de sacrificios.

Nos altares ardia perpetuamente o fogo sagrado, enviando seus raios para as ruas. Até aos beccos dos suburbios penetravam as labaredas dos 5.000 templos da capital azteca e illuminavam as ruas durante a noite.

Muitas das cerimonias dos aztecas eram de natureza graciosa e edificadora, consistentes em canções e dansas nacionaes, não se podendo, todavia, negar que degeneravam em excessos, quando ambos os sexos tomavam parte nellas. Procissões de mulheres e creanças, adornadas com grinaldas, percorriam as ruas, emquanto dos altares se levantava a fumaça de sacrificios de animaes sómente. Estas pacificas festas provieram dos tempos dos Toltecas. Os sacrificios humanos introduziram-se entre os aztecas não antes do seculo XIV, quer dizer pouco mais ou menos 200 annos antes da conquista pelos hespanhóes.

O numero das victimas degolladas é incrivel. Não ha tradição que não fale em menos de 20.000 annualmente. Segundo alguns autores, houve até 50.000 holocautos humanos annuaes. Em occasiões especiaes, taes como a coroação do rei, as inaugurações do templos, etc., o numero dos desgraçados era ainda maior. Durante a inauguração do templo de Huitzilopochtli, em 1486, os prisioneiros destinados a ser imolados formavam, como contam, uma procissão de duas milhas. A cerimonia durou varios dias, e dizem que 70.000 homens foram sacrificados ao terrivel deus!!

Durante semelhantes festas extraordinarias aconteciam abominações de toda especie, que causam até arrepio. Envoltos nas pelles sangrentas das suas victimas, os sacerdotes executavam uma dansa macabra e horripilante, e o fim de todas estas infamias eram os excessos mais asquerosos. Costumavam guardar as caveiras em edificios *ad hoc*. Os companheiros de Cortez affirmam terem contado 136.000 numa só casa.

Como mais prova do desapiedado fanatismo dos aztecas, vamos contar o seguinte authentico acontecimento. Depois de uma guerra muito prolongada entre os aztecas e os colhuanos, antigos senhores daquelles, assignou-se a paz. Não obstante isso, os sacerdotes de Huitzilopochtli, fanaticos e crueis, resolveram vingar-se terrivelmente daquelles que os tinham durante muito tempo opprimido severamente. Pedem, em nome de seu deus a unica filha do rei dos colhuanos, á qual promettem todo o genero de honras. O incauto pae deixa-lhes a virgem, levando-a ainda pessoalmente ao escuro templo dos aztecas, onde os sacerdotes a recebem e carregam comsigo. Nisto ouve-se grande barulho, o confuso tumulto cresce tão violentamente que o pae não póde escutar a voz lastimosa e supplicante da filha. Alguns minutos depois, entrega-se ao infeliz um incensario, mandando-lhe que queimasse copal nelle. Oh horror!

A pallida chamma dá a reconhecer ao mais desgraçado dos paes a querida filha, amarrada a um páo, immovel, sem vida. A' vista desta desoladora scena, gela-se-lhe o sangue nas veias, não póde gritar, nem se queixar, nem aggredir os assassinos para se vingar; enlouquece. A virgem sacrificada foi deificada pelos mexicanos.

Pelo facto de preferirem os aztecas apoderar-se dos seus inimigos em vida a matal-os logo, muitos hespanhóes foram poupados á morte. Interrogado Montezuma porque tolerava a independencia da republica Tlascala, respondeu: que o provesse de victimas para seus deuses.

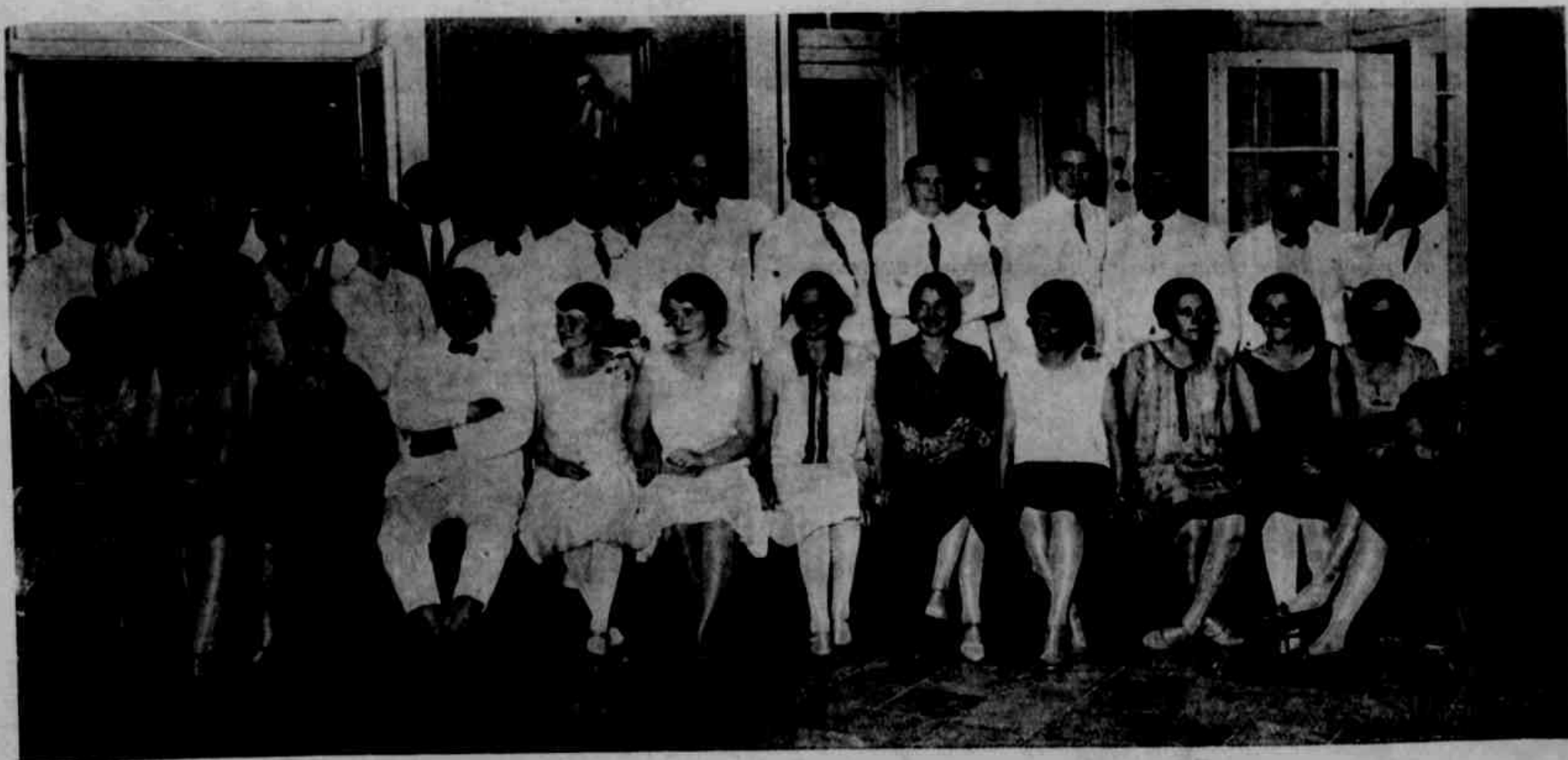
Basta de abominações.

Para comprehendermos o costume dos sacrificios humanos, que nos parecem tão horriveis e abominaveis, devemos collocar-nos no ponto de vista daquelle povo primitivo. O individuo, como ainda hoje na Africa e outras terras selvagens, não valia nada. A vida lá não é o bem supremo. Quanto menos é estimada, tanto maior é a imaginação daquillo que concederá a vida de alémtumulo e tanto menor o sacrificio para quem soffre a morte. Honrado pelo seu povo e saciado daquillo que a vida lhe podia dar aqui, livra-se de bôa vontade do seu fardo, para entrar no gozo supremo. Não conhece outra cousa melhor.

A idéa de uma expiação representativa, consista esta no sacrificio de um animal expiatorio, ou num homem, ou num deus, é universal; encontramol-a em quasi todas as religiões, no mundo inteiro e em todas as épocas historicas.

Na festa de commemoração aos vinte annos de formatura dos bachareis da turma de 1908. Depois: grupo de socios e convidados do Sporting Club Flamengo durante um baile reali-

Da Capital de Pernambuco

zado na séde. Em baixo: no Club Allemão do Recife, quando houve lá uma linda festa dansante.

"A mocidade é como o Lotus: floresce apenas uma vez."

A mocidade é uma só - e esta mesmo póde ser abreviada pelos estragos da saude.

*D*efender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até á velhice.

A fonte perenne de conservação para o sexo feminino em todas as phases da vida é

"A SAUDE DA MULHER"

Favorece as Mocinhas,
porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.

Favorece as Senhoras,
porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores-Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.

Favorece as Senhoras mais edosas,
porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

Officinas Graphicas d' "O MALHO"